

Leonardo Pereira Nunes

As conjunções *but* e *mas* em textos ficcionais originais e traduzidos: uma análise tridimensional com base na linguística sistêmico-funcional

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2010

Leonardo Pereira Nunes

As conjunções *but* e *mas* em textos ficcionais originais e traduzidos: uma análise tridimensional com base na linguística sistêmico-funcional

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada

Área de Concentração: Linguística Aplicada

Linha de pesquisa: H – Estudos da Tradução

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Silvina Pagano

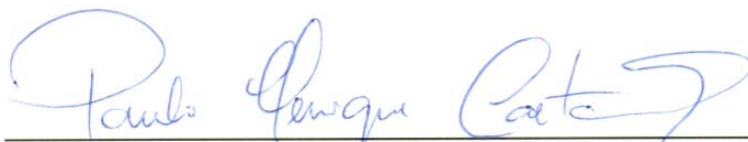
Co-orientadora: Profa. Dra. Silvana Maria de Jesus

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2010

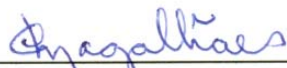
Dissertação intitulada *As conjunções but e mas em textos ficcionais originais e traduzidos: uma análise tridimensional com base na linguística sistêmico-funcional* defendida por Leonardo Pereira Nunes em 30/03/2010 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Professores Doutores relacionados a seguir:



Silvana Maria de Jesus -UFU (Presidente da Banca)
Co-orientadora



Paulo Henrique Caetano - UFSJ



Célia Maria Magalhães - UFMG

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi fruto do incentivo e ação de pessoas sem as quais ele não se realizaria propriamente. Enumero aqui os principais responsáveis por sua existência, prestando também os devidos agradecimentos:

À professora Adriana Pagano, pela atenciosa orientação e por viabilizar a minha viagem à China para a promoção deste estudo.

À professora Silvana Jesus, pela exímia e exemplar co-orientação neste trabalho.

À professora Célia Magalhães, pelas importantes sugestões que contribuíram para o amadurecimento deste estudo.

Aos organizadores do 36º ISFLA, pela oportunidade de participar do evento e interagir com diversos teóricos e pesquisadores da esfera da linguística sistêmico-funcional, enriquecendo assim este trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG, pelas disciplinas, cursos, palestras e oficinas oferecidos.

Aos colegas do LETRA, pelo auxílio técnico e acadêmico, em especial à Alyne, pela ajuda na compilação do *corpus*; à Nina, Flávia e Kícila, por me isentarem de alguns compromissos no laboratório em virtude da redação desta dissertação; ao Igor, pelo auxílio no tratamento estatístico de alguns dos dados da análise.

Ao Marcos Feitosa, pela solidariedade na formatação final deste trabalho.

Ao amigo Bruno, por ter lançado mão de seu amplo e refinado conhecimento sobre literatura brasileira para me auxiliar na seleção de alguns dos romances empregados nesta pesquisa.

Aos meus pais e irmãos, pelo inestimável carinho e apoio no meu percurso acadêmico.

Àqueles que muito se esforçaram para ideacionalmente compreender o conteúdo deste estudo.

E, finalmente, à vida e à Clarice, por terem me ensinado que “a aproximação do que quer que seja (...) se faz gradualmente e penosamente – atravessando inclusive o oposto daquilo que se vai aproximar” (Clarice Lispector, *A Paixão Segundo GH*).

RESUMO

Esta dissertação se afilia aos Estudos da Tradução baseados em *corpora* e apresenta uma análise das conjunções *but* e *mas* em um *corpus* paralelo bilíngue e comparável monolíngue composto por textos ficcionais originalmente produzidos em inglês, suas traduções para o português brasileiro e textos originalmente escritos nesta língua. Com o propósito de contribuir para uma descrição sistêmico-funcional de *mas* a partir de uma perspectiva interlinguística e comparada, este estudo incorpora contribuições de Halliday e Hasan (1976) com relação ao sistema de CONJUNÇÃO construído através de significados ideacionais (relações externas) e interpessoais (relações internas). Desenvolvendo esta dualidade, promoveu-se uma separação sistemática das conjunções em externas e internas segundo categorias propostas por Martin e Rose (2003) e acentuou-se a diferença entre a natureza textual e interpessoal das relações internas de acordo com variáveis sugeridas por Thompson (2005). Desta forma, as relações conjuntivas foram assim abordadas por um prisma tridimensional (ideacional, textual e interpessoal). A partir deste arcabouço teórico, investigou-se o potencial de construção de relações externas ideacionais e internas textuais e interpessoais pela conjunção *but* em dez romances originais em inglês e pela conjunção *mas* em suas traduções ao português brasileiro. A mesma indagação foi feita considerando-se a conjunção *mas* em dez romances originais em português brasileiro. Os dados quantitativos apresentam ocorrências expressivas de *but* nos textos fonte e *mas* nos textos alvo em uma relação (i) *adversativa/concessiva* no nível ideacional, (ii) de *adição, consequência-conclusão* e *consequência-contraposição* no nível textual e (iii) de *negação-contraposição* e *concessão-asserção* no nível interpessoal. Observou-se este mesmo padrão no tocante a conjunção *mas* nos textos originais em português brasileiro, com exceção da relação de *consequência-conclusão* no nível textual. Concluiu-se então que, apesar desta diferença, a conjunção *mas* nesta língua possui, assim como *but* no inglês, similar potencial de construir significado interno textual e interpessoal em textos ficcionais.

Palavras-chave: Estudos da Tradução; *corpus* paralelo e comparável; conjunção externa e interna; *but*; *mas*.

ABSTRACT

This thesis is affiliated to the field of *corpus*-based translation studies and presents an analysis of the conjunctions *but* and *mas* in a bilingual parallel and comparable *corpus* comprised of fictional texts originally produced in English, their translations into Brazilian Portuguese and texts originally written in Brazilian Portuguese. Aiming at an emergent systemic-functional description of *mas* from a cross-linguistic and comparable perspective, this work draws on insights by Halliday & Hasan (1976) as to the system of CONJUNCTION built by ideational (external) and interpersonal (internal) meanings. Elaborating on this dual aspect, it also promotes a systematic detachment between external and internal conjunctions based on categories proposed by Martin and Rose (2003) and emphasizes the difference between the textual and interpersonal nature of internal conjunctions, according to variables suggested by Thompson (2005). It therefore provides a three-dimensional view (ideational, textual and interpersonal) of conjunctive relations. Supported by such theoretical background, a question can be posed regarding the meaning potential of external ideational relations and internal textual and interpersonal relations established by the conjunction *but* in ten novels in English and the conjunction *mas* in their translations into Brazilian Portuguese. The same query about *mas* was made concerning ten novels originally written in Brazilian Portuguese. Quantitative data showed considerable occurrence of *but* in the source texts and *mas* in the target texts in (i) ideational *adversative/concessive* relations, (ii) textual *addition, consequence-concluding* and *consequence-counterering* relations and (iii) interpersonal *denial-counter* and *concession-assertion* relations. Except for the textual *consequence-conclusion* meaning, the same pattern could be drawn regarding *mas* in the original novels in Brazilian Portuguese. As a conclusion, it can be stated that, despite such difference, *mas* in such language has a potential to construct internal textual and interpersonal meanings in fictional texts similarly to *but* in English and in texts of the same register.

Key-words: translation studies; parallel and comparable *corpus*; external and internal conjunction; *but*; *mas*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Lista de Figuras

Figura 1 - Categorias do sistema de CONJUNÇÃO.....	31
Figura 2 - Dados quantitativos gerais do romance original <i>Atonement</i> obtidos pela ferramenta <i>WordList</i>	63
Figura 3 - Ocorrência da conjunção <i>but</i> no romance original <i>Atonement</i> obtida pelo <i>WordList</i>	63

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Relações de tradução de BUT no <i>corpus</i> EO – PT.....	72
Gráfico 2 - Relações de tradução de MAS no <i>corpus</i> PT – EO.....	74
Gráfico 3 - Ocorrência de BUT externo e interno no <i>corpus</i> EO e MAS externo e interno nos <i>corpora</i> PT e PO.....	76
Gráfico 4 - Ocorrência das três categorias metafuncionais para BUT no <i>corpus</i> EO e MAS nos <i>corpora</i> PT e PO.....	79
Gráfico 5 - Ocorrência de cada categoria metafuncional para BUT e MAS nos três <i>corpora</i>	80
Gráfico 6 - Ocorrência de BUT textual no <i>corpus</i> EO por categoria.....	84
Gráfico 7 - Ocorrência de MAS textual no <i>corpus</i> PT por categoria.....	84
Gráfico 8 - Ocorrência de MAS textual no <i>corpus</i> PO por categoria.....	84
Gráfico 9 - Ocorrência de BUT interpessoal no <i>corpus</i> EO por categoria..	90
Gráfico 10 - Ocorrência de BUT interpessoal no <i>corpus</i> PT por categoria.....	90
Gráfico 11 - Ocorrência de MAS interpessoal no <i>corpus</i> PO por categoria.....	91

Lista de Quadros

Quadro 1 - Funções desempenhadas por conjunções externas e internas segundo Martin e Rose (2003).....	34
Quadro 2 - Categorias e subcategorias das conjunções externas segundo Martin e Rose (2003).....	35
Quadro 3 - Categorias e subcategorias das conjunções internas segundo Martin e Rose (2003).....	36
Quadro 4 - Funções e exemplos de uso de conjunções internas (<i>c.f</i> MARTIN; ROSE, 2003).....	38
Quadro 5 - Categorias das conjunções textuais e interpessoais segundo Thompson (2005).....	43
Quadro 6 - Função e instâncias de conjunções interpessoais (<i>c.f</i> THOMPSON, 2005).....	44
Quadro 7 - Dados bibliográficos gerais do <i>corpus</i> paralelo bilíngue.....	58
Quadro 8 - Dados bibliográficos gerais do <i>corpus</i> comparável monolíngue.....	59
Quadro 9 - Cabeçalhos dos romances <i>Blind Assassin</i> e <i>Assassino Cego</i>	61
Quadro 10 - Cabeçalho do romance <i>Budapeste</i>	61

Quadro 11 - Categorias textuais e interpessoais das conjunções <i>but</i> e <i>mas</i> e correspondentes etiquetas de anotação.....	65
--	----

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Número de <i>tokens</i> dos <i>corpora</i> analisados.....	69
Tabela 2 - Ocorrência da conjunção BUT no EO e MAS no PT e PO.....	71
Tabela 3 - Relações de tradução de BUT no <i>corpus</i> EO – PT.....	72
Tabela 4 - Relações de tradução de MAS no <i>corpus</i> PT – EO.....	73
Tabela 5 - Ocorrência de BUT externo e interno no <i>corpus</i> EO e MAS externo e interno nos <i>corpora</i> PT e PO.....	75
Tabela 6 - Ocorrência das três categorias metafuncionais para BUT no <i>corpus</i> EO e MAS nos <i>corpora</i> PT e PO.....	77
Tabela 7 - Ocorrência de BUT e MAS textual por categoria nos três <i>corpora</i>	83
Tabela 8 - Ocorrência de BUT e MAS interpessoal por categoria nos três <i>corpora</i>	89

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. REVISÃO TEÓRICA.....	18
1.1 Os Estudos da Tradução e os estudos de <i>corpora</i>	18
1.2 O <i>corpus</i> paralelo e o <i>corpus</i> comparável	21
1.3 Pesquisas com <i>corpora</i> no projeto CORDIALL.....	22
1.4 A linguística sistêmico-funcional hallidayana.....	23
1.5 A linguística sistêmico-funcional, os Estudos da Tradução e os estudos de <i>corpora</i>	26
1.6 O sistema de COESÃO segundo a gramática sistêmico-funcional.....	27
1.6.1 O sistema de CONJUNÇÃO.....	30
1.6.2 As conjunções externas e internas segundo Martin e Rose.....	33
1.6.3 A tridimensionalidade das conjunções segundo Thompson.....	40
1.6.3.1 Dividindo a conjunção interna.....	43
1.6.4 A conjunção <i>but</i> como marca coesiva externa e interna.....	45
1.6.5 A conjunção <i>mas</i> no português brasileiro.....	47
1.6.6 A conjunção <i>but</i> e <i>mas</i> em estudos que contemplam abordagens funcionais e sistêmico-funcionais.....	49
1.7 A descrição do sistema linguístico à luz da tipologia linguística e dos Estudos da Tradução.....	50
2. CORPUS E METODOLOGIA.....	54
2.1 Tipo e tamanho do <i>corpus</i>	54
2.1.1 O <i>corpus</i> CroCo e o <i>Corpus</i> Brasileiro de Língua Portuguesa (KLAPT!).....	55
2.1.2 O <i>corpus</i> da pesquisa e seus critérios de compilação.....	57
2.2 Metodologia de análise.....	61
2.2.1 O software <i>WordSmith Tools</i>	62
2.2.2 Alinhamento do <i>corpus</i> paralelo.....	64
2.2.3 Anotação do <i>corpus</i>	64
3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS.....	68
3.1 Objetivos da análise.....	68
3.2 Tamanho do <i>corpus</i> e ocorrência de <i>but</i> e <i>mas</i>	69
3.3 <i>But</i> no EO e <i>mas</i> no PT.....	72
3.4 <i>But</i> e <i>mas</i> externo e interno nos <i>corpora</i>	75
3.5 <i>But</i> e <i>mas</i> ideacional, textual e interpessoal.....	79
3.6 <i>But</i> e <i>mas</i> interno textual.....	82
3.7 <i>But</i> e <i>mas</i> interno interpessoal.....	89
4. CONCLUSÕES.....	96
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	101

INTRODUÇÃO

Na esfera dos projetos desenvolvidos no LETRA (Laboratório Experimental de Tradução)¹ da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), alguns trabalhos, orientados para os estudos linguísticos da tradução, se propuseram a realizar uma descrição sistêmico-funcional de determinados componentes do sistema linguístico do português brasileiro tendo como referência a descrição já existente da língua inglesa (*c.f.* HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Destacam-se os trabalhos de Araújo (2007) e Figueredo (2007), que propuseram uma análise do *sistema*² de PROJEÇÃO e a estrutura do grupo nominal, respectivamente. Tais análises promoveram um mapeamento de padrões linguísticos relativamente recorrentes no sistema do português brasileiro, elucidando assim pesquisas que investigam *corpora* paralelos no âmbito dos Estudos da Tradução, como em Nunes (2007).

Entretanto, pautando-se pelo pressuposto de que “o ambiente mais imediato de instâncias da variação tipológica compreende o texto em particular em um contexto de situação específico, representando, de certa forma, o ponto onde os estudos de tipologia e da tradução convergem”³ e de que a função da tradução também contempla a construção de significado, e não somente a reconstrução deste (*c.f.* MATTHIESSEN, 2001), a descrição do sistema de determinada língua não se mostra necessariamente atrelada à uma descrição elaborada através de pressupostos da gramática sistêmico-funcional de uma língua fonte (no caso o inglês) aplicados à instâncias linguísticas de

¹ Página do LETRA: <http://letra.letas.ufmg.br/letra/>

² O termo *sistema* utilizado ao longo desta dissertação corresponde ao eixo de ordenação paradigmática da linguagem, segundo a definição de Halliday e Matthiessen (2004). De acordo com os autores, este eixo representa o potencial de significado da linguagem, isto é, um conjunto de alternativas que possibilita que um elemento ocorra “em vez de” outro, em contraposição ao termo *estrutura* (de ordem sintagmática), que determina “o que ocorre com o que” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 22). Ainda, entende-se por sistema um compêndio de opções que configuram este eixo paradigmático da linguagem (como, por exemplo, o sistema de POLARIDADE, que pode ser negativo ou positivo) (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 22).

³ Tradução de Caffarel; Martin e Matthiessen (2004, p. 38) para: “(...) the narrowest instantial environment of typological variation is that of a particular text in a specific context of situation, which is in a sense where typological studies and translation studies meet”

uma língua alvo. Segundo esta premissa, esta descrição também pode ser realizada pelo escrutínio comparativo de instâncias textuais provenientes de duas línguas em relação de tradução.

Para complementar as observações feitas de instâncias em relação de tradução, uma análise de instâncias com base em textos originais, não-traduzidos também se mostra profícua. Deste modo, adotando as perspectivas de comparação entre textos fonte e textos alvo e entre textos alvo e textos originalmente produzidos numa língua alvo, esta pesquisa se propõe a descrever um item do sistema linguístico do português brasileiro através da investigação em *corpora* paralelo e comparável.

Nesse contexto, o presente estudo, vinculado ao projeto KLAPT! (*Corpus Brasileiro de Língua Portuguesa*), criado por pesquisadores do Laboratório Experimental de Tradução (LETRA) da Faculdade de Letras da UFMG a partir dos princípios de compilação do *corpus* CroCo (idealizado por pesquisadores da Universidade do Sarre, Alemanha), tem por objetivo examinar um elemento do sistema de COESÃO do português brasileiro por uma perspectiva de comparação entre sistemas linguísticos, com subsídios da linguística de *corpus* e embasamento sistêmico-funcional. Mais especificamente, propõe-se uma incursão no sistema de CONJUNÇÃO do português brasileiro, enfocando-se os significados construídos pela conjunção *mas* examinados com base em ocorrências desta conjunção e de seu equivalente prototípico *but* encontradas em um *corpus* paralelo, isto é, composto por textos originalmente escritos em inglês e traduzidos ao português brasileiro. Ainda, a conjunção *mas* é analisada em um *corpus* comparável, formado por textos traduzidos para o português brasileiro e textos originalmente escritos nesta língua. Os *corpora* são compostos por textos ficcionais (romances), estando sob escrutínio dez textos originais em inglês, suas respectivas traduções para o português brasileiro e dez textos originalmente produzidos em português brasileiro, totalizando assim uma análise de trinta textos. Conforme

mencionado, as construções de significados das conjunções *but* e *mas* são analisadas sob uma perspectiva sistêmico-funcional.

A dualidade metafuncional (ideacional e interpessoal) no tocante às conjunções foi inicialmente apontada por Halliday e Hasan (1976) e posteriormente reelaborada por Martin (1992), Martin e Rose (2003) e Thompson (2005). Este último, calcando-se principalmente em Martin e Rose (2003), contempla o prisma interpessoal e textual para a análise de conjunções, fornecendo assim uma perspectiva tridimensional para uma descrição mais ampla das marcas coesivas no inglês.

Tomando como ponto de partida a análise de Martin e Rose (2003) e Thompson (2005), esta pesquisa pretende descrever um componente do sistema de CONJUNÇÃO do português brasileiro através da análise de instâncias da conjunção *but* nos textos fonte e suas correspondências diretas com o seu equivalente prototípico *mas* nos textos alvo. Ainda, faz-se uma análise i) da conjunção *but* em inglês traduzida por outra marca coesiva diferente de *mas* no português brasileiro, ii) de *but* nos textos fonte sem qualquer relação conjuntiva equivalente nos textos alvo, iii) da conjunção *mas* nos textos alvo traduzida a partir de marcas coesivas diferentes de *but* nos textos fonte, iv) de *mas* nos textos alvo sem qualquer relação conjuntiva correspondente nos textos fonte e v) das ocorrências de *mas* em textos originalmente escritos em português brasileiro.

A investigação é realizada a partir de um prisma tridimensional das metafunções hallidayanas, quais sejam: ideacional, interpessoal e textual. Vislumbra-se com esta um levantamento de possíveis padrões mais consistentes de ocorrência do *mas* aprioristicamente adversativo / concessivo em seu caráter interno, uma vez que este aspecto da conjunção é pouco explorado em português brasileiro e esta não se encontra descrita no viés sistêmico-funcional nesta língua até o presente momento.

Quatro são as perguntas de pesquisa que norteiam este estudo:

- 1) Além da função adversativa/concessiva, quais outras possíveis construções de significado da conjunção *but* em inglês e *mas* em português brasileiro em um *corpus* de textos ficcionais?
- 2) As funções da conjunção *but* descritas pela literatura abarcam todas as ocorrências desta conjunção em *corpus* composto por textos ficcionais originalmente escritos em inglês?
- 3) As funções da conjunção *but* descritas pela literatura correspondem às mesmas funções da conjunção *mas* em *corpus* de textos ficcionais originalmente escritos em português brasileiro?
- 4) Os padrões de construção de significado da conjunção *but* presentes nos textos originais correspondem às mesmas construções semânticas de seu equivalente prototípico *mas* nos textos traduzidos?

Os objetivos gerais desta pesquisa são:

- 1) Contribuir para os estudos linguísticos a partir da expansão dos conhecimentos sobre um elemento do sistema de CONJUNÇÃO no português do Brasil;
- 2) Intensificar a interface entre os Estudos da Tradução, os estudos de *corpora* e a Gramática Sistêmico-Funcional;
- 3) Colaborar com as pesquisas em tradução desenvolvidas pelos pesquisadores do LETRA/UFMG;

- 4) Contribuir com insumos para o desenvolvimento de uma gramática sistêmico-funcional do português brasileiro.

Constitui objetivo específico:

- 1) Descrever e comparar, pelo viés sistêmico-funcional, as relações construídas por *but / mas* em seu caráter externo (ideacional) e interno (textual e interpessoal) em um *corpus* paralelo e comparável composto por textos ficcionais.

Além da presente Introdução, esta dissertação é composta por quatro capítulos. O primeiro capítulo apresenta uma revisão da literatura, discorrendo acerca do nome do campo disciplinar *Estudos da Tradução* e sua interface com os *estudos de corpora*, do *corpus* paralelo e do *corpus* comparável, das pesquisas com *corpora* no projeto CORDIALL, dos pressupostos da linguística sistêmico-funcional hallidayana, da interface entre a linguística sistêmico-funcional, dos Estudos da Tradução e os estudos de *corpora* e do sistema de COESÃO abordado por uma perspectiva sistêmico-funcional da linguagem. Ainda, o capítulo percorre o sistema de CONJUNÇÃO, a separação sistematizada das conjunções externas e internas promovida por Martin e Rose (2003), a abordagem tridimensional das conjunções proposta por Geoff Thompson (2005), a conjunção *but* enquanto conjunção interna e externa, as gramáticas que contemplam a conjunção *mas* no português brasileiro, os estudos que investigam *but* em inglês e *mas* em português brasileiro e, por fim, a descrição do sistema linguístico à luz da tipologia linguística e dos Estudos da Tradução (como fundamentação para a existência de insumos para a descrição do sistema linguístico do português brasileiro). O segundo capítulo trata sobre as ferramentas metodológicas utilizadas na compilação e

anotação do *corpus* de análise, bem como sobre o *corpus* em si e os critérios adotados para a sua seleção. O terceiro capítulo apresenta a análise e discussão dos dados fornecidos pelo *corpus*, delineando assim padrões de ocorrência da conjunção *but* em inglês e *mas* em português brasileiro. O quarto e último capítulo tece as conclusões desta pesquisa, promovendo uma reflexão sobre as limitações desta e indicando possíveis estudos futuros que contemplem elementos do sistema de CONJUNÇÃO no português brasileiro.

CAPÍTULO 1

REVISÃO TEÓRICA

1 REVISÃO TEÓRICA

1.1 *Os Estudos da Tradução e os estudos de corpora*

Devido à inexistência de um arcabouço teórico e metodológico consensual entre os vários campos que a investigam, Holmes (1972/1994, p. 175) propõe a palavra *estudos* como a mais adequada para se vislumbrar a tradução, em detrimento dos termos *ciência e teoria da tradução*. Segundo o autor, o conceito de ciência envolve a consolidação plena de determinada área do conhecimento, alcançada através de um maior nível de precisão, do consenso entre modelos e paradigmas e da formalização de um campo de estudo (HOLMES, 1972/1994, p. 175). Uma vez que o fenômeno tradutório não goza destes atributos, a ele não poderia ser conferido o *status* de ciência. Ainda de acordo com o autor, tampouco a tradução pode ser caracterizada como teoria, pois o termo apenas seria frutífero se restrito ao seu próprio significado (HOLMES, 1972/1994, p. 174), isto é, se a disciplina possuísse um caráter estático e não dinâmico. Assim, Holmes (1972/1994, p. 175) aponta o termo *Estudos da Tradução*⁴ como o mais pertinente para se nomear este campo disciplinar, uma vez que há um influxo de contribuições de diversas áreas que possuem a tradução como objeto de estudo.

Os pesquisadores do campo dos Estudos da Tradução reconheceram o potencial linguístico representado pelo estudo de *corpus*. A palavra *corpus* foi inicialmente utilizada para se referir a um dado material textual impresso usado para análises e pesquisas linguísticas. Na década de 1960, com o advento do computador, tornou-se possível o armazenamento de grandes quantidades de textos e o tratamento automático

⁴ Remete-se o leitor ao artigo *The Name and Nature of Translation Studies* (Holmes, 1972/1994) para a apreciação de um panorama mais amplo sobre deste campo disciplinar.

deste material, surgindo assim os primeiros *corpora* eletrônicos. Entre 1980 e 1990, tais *corpora* eletrônicos se tornaram difundidos e obtiveram prestígio junto a várias comunidades acadêmicas, entre elas a linguística, o que culminou no surgimento da disciplina linguística de *corpus* (c.f KENNY, 2001), uma corrente que estuda a língua baseada em *corpora*. Atualmente, a definição de *corpus* compreende um texto ou conjunto de textos da fala e escrita de tamanho finito, produzidos espontaneamente e formatados eletronicamente para serem analisados por ferramentas computacionais. (c.f McENERY; WILSON, 2001)

Uma vez que textos traduzidos não haviam sido contemplados na maioria dos *corpora* existentes, os pesquisadores da tradução se engajaram na compilação de *corpora* contendo textos traduzidos, não apenas para fins de pesquisas linguísticas, mas também com o intuito de elevar o texto traduzido como instância legítima pertencente ao contexto social e linguístico.

No início dos anos 1990, o texto traduzido não gozava de tanto prestígio quanto o texto original, não sendo assim contemplado em muitos bancos de dados (BAKER, 1993, p. 234). Segundo a autora, a maior parte das pesquisas em tradução se mostrava baseada na dicotomia original-tradução e no estabelecimento de algum tipo de equivalência deste último, passando assim posteriormente a defender que a análise de *corpora* de grandes dimensões no âmbito dos Estudos da Tradução iria reverter este enfoque para a busca de princípios que regem o empreendimento tradutório (BAKER, 1993, p.235). Assim, o texto traduzido foi incluído nos *corpora* eletrônicos e os Estudos da Tradução baseados em *corpora* ganhou proeminência.

Como assinalado anteriormente, e conforme definido por Baker (1995, p.225), um *corpus* pode ser compreendido como um conjunto de textos eletrônicos de inúmeras fontes, reunidos a partir de critérios e propósitos específicos e passíveis de serem escrutinizados automática ou semi-automaticamente. E, conforme aponta Kenny (2001,

p.23), a compilação de um *corpus* deve ser realizada através do emprego de textos autênticos, ou seja, de instâncias representativas de eventos comunicativos ocorridos de maneira genuína na língua.

Baker (1995, p.230-235) propõe uma classificação dos *corpora* em três categorias: i) *corpora* paralelos: textos fontes em uma língua A e suas traduções para uma língua B; ii) *corpora* multilíngues: grupo de *corpora* monolíngues (textos não-traduzidos em determinada língua, compilados a partir de critérios comuns); iii) *corpora* comparáveis – constituído por dois *subcorpora*: um *corpus* monolíngue, isto é, de textos originalmente produzidos numa língua X, e um *corpus* de textos traduzidos para a língua X. Vale destacar que a proposta da autora privilegia o trabalho com *corpora* comparáveis e que seu intuito resume-se na consolidação do texto traduzido como principal objeto de análise dos Estudos da Tradução, desafiando assim o paradigma de análise anterior fortemente fundamentado na análise de textos originais individuais e sua respectiva tradução (BAKER, 1995, p. 233). Tal proposta dialoga com os estudos descritivos da tradução (*descriptive translation studies* ou DTS).

Os estudos descritivos se basearam na teoria dos poli-sistemas desenvolvida por Even-Zohar em 1978, de suma importância para os estudos descritivos. Graças a esta e outras teorias, elevou-se a posição da literatura traduzida, a qual passou a ser compreendida como um sistema interdependente inserido em um sistema literário de uma cultura, merecendo, assim, destaque dos pesquisadores enquanto produção textual em si. O foco investigativo, até então concentrado no texto original e na cultura fonte, é então deslocado para o texto traduzido e a cultura de chegada. Nos anos 1980, Gideon Toury se calca na teoria dos poli-sistemas para consolidar os estudos descritivos da tradução, a partir da carência de uma disciplina que se propunha a estudar o texto traduzido *per se* de maneira empírica e descritiva.

Kenny (2001) frisa que a principal característica dos estudos descritivos da tradução é a tônica sobre o texto traduzido e a cultura de chegada. Sob tal prisma, os estudos descritivos da tradução se propõem a “descrever, explicar e prever leis relacionadas ao fenômeno tradutório” (KENNY, 2001, p.50). Toury, como principal teórico do DTS, sugere a existência de universais de tradução (apud KENNY, 2001, p.52) e em 1995 propõe uma investigação acerca das normas e leis da tradução (apud KENNY, 2001, p.50). Baseando-se nessa premissa, Baker (1996, p. 176) propõe a existência de quatro universais de tradução: i) simplificação, ii) explicitação, iii) normalização, e iv) estabilização (*levelling out*).

Os estudos descritivos e tais propostas de Baker receberam inúmeras críticas, tanto de ordem terminológica, como em Kenny (2001) (que problematiza a escolha dos termos leis, normas e universais), quanto de ordem teórico-metodológica, como em Tymoczko (1998), que critica a excessiva tentativa de se generalizar e tornar objetiva a tradução, bem como a impossibilidade de se aferir a subjetividade do tradutor (possivelmente refletida no produto tradutório) e de se compilar um *corpus* de caráter diacrônico que recuperasse textos de remotas épocas e civilizações históricas. Kenny (2001, p. 68) também problematiza estas leis gerais pela perspectiva metodológica, advogando a necessidade de se aprimorar as análises em tradução pelo escrutínio quantitativo fornecidos pela metodologia de *corpora* para a posterior análise qualitativa que abarque aspectos discursivos e cognitivos do fenômeno tradutório.

1.2 O corpus paralelo e o corpus comparável

Para a presente pesquisa, o que se entende por *corpus* paralelo e comparável se aproxima das perspectivas de Baker (1995), Kenny (2001) e Olohan (2004). A primeira autora cunha os termos gerais *corpus bilíngue* e *corpus multilíngue* e a segunda,

calcando-se nesta, elabora tais conceitos ao propor os termos *corpus paralelo bilíngue*, *corpus paralelo multilíngue*, *corpus comparável monolíngue* e *corpus comparável bilíngue* e *multilíngue* no intuito de evitar confusão terminológica. Olohan (2004), baseando-se em ambas as autoras e sobremaneira em Kenny (2001), explicita a diferença entre um *corpus* comparável monolíngue e um *corpus* comparável bilíngue (ou multilíngue) como um conjunto de textos traduzidos e não-traduzidos em uma mesma língua e um conjunto de textos não-traduzidos em línguas diferentes, respectivamente (OLOHAN apud JESUS, 2008, p. 35). Para a presente pesquisa, foi adotado um *corpus* correspondente à perspectiva *paralelo bilíngue* de Kenny (2001) e *comparável monolíngue* de Olohan (2004).

1.3 Pesquisas com corpora no projeto CORDIALL

No âmbito do projeto CORDIALL⁵ (*Corpus* Discursivo de Análises Linguísticas e Literárias), compilado por pesquisadores do LETRA, foram realizadas algumas pesquisas que contemplaram a análise de *corpora* paralelos enfocando a representação do discurso, como em Cruz (2003), Mauri (2003), Mendes (2003), Jesus (2004), Cançado (2005), Oliveira (2005), Alves (2006) e Nunes (2007), este último abordando o sistema de PROJEÇÃO. Tendo ainda *corpora* paralelos como objeto de análise, a transitividade é explorada em Assis (2004) e Bueno (2005), questões da coesão e criatividade lexical são contempladas em Bueno (2005) e a organização temática é trabalhada em Rodrigues (2005). Jesus (2008) contempla a representação do discurso ao analisar os verbos *say* e *dizer*. Assim, todos estes trabalhos investigaram aspectos do fenômeno tradutório utilizando como base a linguística sistêmico-funcional.

⁵ Página do projeto CORDIALL: <http://letra.lettras.ufmg.br/cordiall/>

1.4 A linguística sistêmico-funcional hallidayana

Como já anteriormente indicado, uma das teorias de apoio utilizadas para a análise de *corpora* é a gramática sistêmico-funcional, inicialmente proposta por Halliday, sendo posteriormente re-elaborada em diversos trabalhos e tendo sua sistematização na última edição do volume *An introduction to functional grammar*, de 2004, em co-autoria com Christian Matthiessen (*c.f.* HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Esta teoria tem se mostrado muito frutífera enquanto subsídio para a investigação de questões discursivas.

A linguística sistêmico-funcional (doravante LSF⁶) de Halliday aborda a linguagem como elemento no qual a forma se encontra subjugada ao significado, sendo que este se realiza através daquela. Trata-se de uma teoria que explica a linguagem como um fenômeno semiótico e social, sendo que a sua realização através do texto se mostra pautada por princípios funcionais, ou seja, pelo propósito de ordem semântica no qual a forma do texto produz significado. Segundo Halliday (1994, p. xii), “todo texto – isto é, tudo o que é dito ou escrito – se desenvolve em um contexto de uso”.⁷ O autor ainda sinaliza que “uma gramática funcional é essencialmente uma gramática ‘natural’, no sentido de que tudo nela pode ser explicado, principalmente, com referência à linguagem em uso”.⁸

Para discorrer sobre como o texto “significa”, ou seja, como ele textualiza a realidade, Halliday (1994: xiii) propõe três metafunções: ideacional, interpessoal e

⁶ “A linguística sistêmico-funcional (LSF) é uma teoria que explica a linguagem como fenômeno sócio-semiótico, sendo Halliday seu principal teórico. A gramática sistêmico-funcional (GSF) é a obra base que abarca os pressupostos desta teoria. Embora se utilize o termo GSF, ela ainda não foi traduzida para o português, sendo que a obra em inglês denomina-se *An introduction to functional grammar* (Halliday e Matthiessen, 2004, 3ª edição). Outros aspectos teóricos da linguística sistêmica podem ser encontrados em outras obras dos autores e de outros sistemicistas, como Halliday (1964), Eggins (1994), Thompson (1996), Martin et al. (1997), Halliday e Matthiessen (1999).” (JESUS, 2008, p. 22)

⁷ Minha tradução para: “Every text — that is, everything that is said or written — unfolds in some context of use”.

⁸ Tradução de Halliday (1994, p. xiii) para: “A functional grammar is essentially a 'natural' grammar, in the sense that everything in it can be explained, ultimately, by reference to how language is used”.

textual. Tais metafunções atestam a relação que o sistema linguístico estabelece com o seu uso, seja na maneira como as instâncias textuais representam o entendimento do mundo (ideacional), na forma das interações como o outro (interpessoal) e por determinadas escolhas do sistema linguístico (textual).

Halliday propõe a análise da metafunção ideacional por meio do sistema de transitividade, que traduz a representação da percepção do mundo. Esta metafunção é representada por três elementos: Processo, Participante e Circunstância (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p.59). Por sua vez, a metafunção interpessoal corresponde aos recursos linguísticos utilizados no estabelecimento e configuração das relações pessoais, representado pelo sistema de MODO. Por fim, a metafunção textual tem a mensagem como foco, promovendo uma organização temática (Tema-Rema) desta.

Halliday e Matthiessen (2004, p. 532) ainda apresentam a *taxe* e a *relação lógico-semântica* como uma quarta metafunção, qual seja, a metafunção lógica. A *taxe* compreende o grau de interdependência entre orações e se encontra dividida em duas: parataxe e hipotaxe. A primeira relação veicula uma igualdade de *status* entre os segmentos e a segunda apresenta uma subordinação entre eles. Ambas as relações são exemplificadas abaixo, respectivamente:

Kukul crouched low to the ground **and** moved slowly. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 373)

As he came to a thicket, he heard the faint rustling of leaves. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 374)

No primeiro caso, ambas as orações são potencialmente independentes entre si. No segundo exemplo, a segunda oração *he heard the faint rustling of trees* se apresenta como a principal, sendo a primeira oração apenas um qualificador temporal.

Inscritas na relação lógico-semântica estão as relações de *projeção* e *expansão*. Enquanto as relações de projeção veiculam fenômenos semióticos de segunda ordem (o

que é pensado ou falado), as relações de expansão concatenam fenômenos de mesma ordem (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 377).

Relações de projeção apresentam i) locuções e ii) ideias. Halliday e Matthiessen (2004, p. 380) fornecem exemplos destes tipos, respectivamente:

John said: "I'm running away"
John thought he would run away.

Relações de expansão se subdividem em três: *elaboração*, *extensão* e *intensificação*. Na relação de elaboração, “uma oração desenvolve o significado de outra especificando-a ou descrevendo-a”⁹ (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 396). Os autores apresentam o seguinte exemplo:

John didn't wait; he ran away (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 380)

Nas relações de extensão, por sua vez, “uma oração estende o significado de outra adicionando algo novo a ela”¹⁰ (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 405).

Um exemplo é fornecido:

John ran away, and Fred stayed behind. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 380)

Por fim, nas relações de intensificação, “uma oração (ou subcomplexo oracional) intensifica o significado de outra qualificando-a de uma forma entre as seguintes: com referência ao tempo, lugar, maneira, causa ou condição”¹¹ (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 410). A seguir se encontra um exemplo com referência à causa:

⁹ Minha tradução para: “(...) one clause elaborates on the meaning of another by further specifying or describing it; (...)”.

¹⁰ Minha tradução para: “(...) one clause extends the meaning of another by adding something new to it.”

¹¹ Minha tradução para: “(...) one clause (or subcomplex) enhances the meaning of another by qualifying it in one of a number of possible ways: by reference to time, place, manner, cause or condition.”

John ran away, because he was scared. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 380)

Estas três categorias das relações lógico-semânticas também compõem o sistema de CONJUNÇÃO (apresentado nas seções seguintes). Para uma explanação mais ampla e detida destas categorias, remete-se o leitor ao capítulo 7 da gramática *An introduction to functional grammar* (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

1.5 A linguística sistêmico-funcional, os Estudos da Tradução e os estudos de corpora

A LSF possui uma interface com a tradução. Catford (1965) foi um dos primeiros teóricos a estabelecer uma interface entre a LSF e os Estudos da Tradução nos anos 1960, sendo crescente o interesse de pesquisadores que atuam nesta associação (*c.f.* VASCONCELLOS, 1997a e VASCONCELLOS; PAGANO, 2005).

Motivado por tal interface, utilizo a perspectiva linguística sistêmico-funcional de Halliday como orientação teórica, numa abordagem interdisciplinar com os Estudos da Tradução baseados em *corpora*, na qual dados quantitativos serão interpretados qualitativamente. Para a presente dissertação, a teoria hallidayana aliou-se à abordagem metodológica de análise do sistema de CONJUNÇÃO (principalmente das conjunções *but* e *mas*) em *corpora* paralelo e comparável. Cabe reiterar que procedimentos metodológicos associando os estudos de *corpora* e a linguística sistêmico-funcional vem sendo utilizados por outros pesquisadores do LETRA.

1.6 O sistema de COESÃO segundo a gramática sistêmico-funcional

Uma vez que o sistema de COESÃO se mostra amplo no âmbito da linguística sistêmico funcional, este não será tratado com profundidade nesta seção. Desta forma, para uma apreciação mais abrangente, remete-se o leitor aos trabalhos de Halliday e Hasan (1976), Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004).

Segundo a gramática sistêmico-funcional, a textura pode ser abordada ‘de baixo’, ou ‘de cima’ da oração (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004, p. 579). No primeiro caso, itens lexicogramaticais são examinados enquanto recursos textuais que não engendram estruturas gramaticais, isto é, que se estabelecem através do sistema de COESÃO (mais especificamente pelo sistema de CONJUNÇÃO, apresentado na seção seguinte). Esta perspectiva implica na análise de tais recursos entre sentenças. Na abordagem ‘de cima’, por sua vez, os recursos coesivos possuem natureza estrutural, ou seja, são analisados na transição de orações dentro de um mesmo complexo oracional, sendo o componente textual neste caso também contemplado. Para a presente pesquisa, ambas as perspectivas serão utilizadas na análise do *corpus*.

Baseando-se em Halliday e Hasan (1976), a Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday e Matthiessen (2004) aborda o sistema de COESÃO como um “conjunto de sistemas lexicogramaticais que se originam na metafunção textual” (HALLIDAY; HASAN apud HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 532). Halliday e Hasan (1976, p. 4) assim discorrem sobre esta definição:

A coesão ocorre quando a INTERPRETAÇÃO de algum elemento no discurso depende de outro. Um PRESSUPÕE o outro, no sentido de que este não pode ser devidamente decodificado a não ser recorrendo-se àquele. Quando isso ocorre, uma relação de coesão é estabelecida: os dois elementos, o que pressupõe e o que é pressuposto, são, assim, potencialmente integrados ao texto.¹²

¹² Minha tradução para: “Cohesion occurs where the INTERPRETATION of some element in the discourse is dependent on that of another. The one PRESUPPOSES the other, in the sense that it cannot be effectively decoded except by recourse to it. When this happens, a relation of cohesion is set up, and

Segundo estes autores, inscritos neste sistema, existem cinco subsistemas que estabelecem a coesão, quais sejam: referência, substituição, elipse, conjunção e coesão lexical (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 29). Halliday e Matthiessen (2004, p. 533) reduzem as categorias da coesão para quatro: coesão lexical, referência, elipse e conjunção. Para estes autores, a categoria *substituição* pode ser interpretada como uma variante da categoria *elipse*, sendo assim incorporada a uma única e mesma categoria sob este último rótulo (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 535).

A coesão lexical acontece na esfera do léxico e se estabelece através da escolha de itens lexicais (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p.535) que se interconectam em um texto seja através de palavras isoladas ou unidades maiores, como o grupo nominal. Halliday e Hasan (1976, p. 278) fornecem o seguinte exemplo:

Accordingly . . . I took leave, and turned to the ascent of the peak. The climb is perfectly easy...

Para este exemplo, os autores explicam que os itens *ascent* e *climb* estabelecem uma relação de coesão lexical por sinonímia.

A referência, por sua vez, se estabelece na esfera da gramática e concatena a mensagem do texto através de elementos de cunho exofórico (extratextual) e endofórico (intratextual). A referência exofórica remete a um elemento não-presente no co-texto, mas em um contexto de situação. Para este tipo de referência, Halliday e Hasan (1976, p. 35) apresentam o exemplo a seguir:

They're playing football and he kicks it and it goes through there it breaks the window and they're looking at it and he comes out and shouts at them because they've broken it so they run away and then she looks out and she tells them off.

De acordo com os autores, o evento descrito está atrelado a um contexto, sendo que os pronomes *he*, *she*, *they* e *there* apenas podem ser interpretados perante referências imagéticas acessíveis ao leitor.

Já a referência endofórica é representada por itens anafóricos (que retomam elementos já introduzidos no texto) e catafóricos (que se referem a itens apresentados posteriormente), formando assim cadeias de referência (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 535). Os autores apresentam os seguintes exemplos para ilustrar estes itens, respectivamente:

Oh the pan's been washed, has **it**? (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 534)

In brief, the soon widely held assumption was **this**: man could understand the universe because it was natural and he was rational. (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 552)

A elipse (juntamente com a substituição), também de ordem gramatical, compreende ferramentas coesivas que estabelecem conexões entre elementos textuais. Estas ferramentas indicam continuidade, “tornando possível suprimir partes de uma estrutura quando estas puderem ser presumidas através daquilo que antecede [no texto]”¹³ (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 535). Um exemplo é apresentado abaixo:

Kate, I must say this fish is cooked beautifully. --Thank you, Craig, so much for saying **so**. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 535)

Por fim, a conjunção compreende um recurso para a criação e interpretação de textos, fornecendo subsídios para marcar as relações lógico-semânticas entre porções textuais de diferentes extensões, que variam entre a oração em um complexo oracional a longas cadeias de parágrafos (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 538 e 539).

¹³ Minha tradução para: “(...) makes it possible to leave out parts of a structure when they can be presumed from what has gone before”.

Conjunções se inserem na relação lógico-semântica de *expansão* e se inscrevem nos subtipos *elaboração*, *extensão* e *intensificação*. No que concerne o grau de interdependência, estes elementos coesivos estabelecem tanto relações hipotáticas quanto paratáticas. Como apontado por Halliday e Hasan (1976, p. 226), conjunções compreendem uma categoria distinta se comparadas com as outras três marcas coesivas. Tal se deve à não-suposição de uma relação anafórica, além da sua não-realização léxico-gramatical em uma sequência única. Conjunções implicam na presença de outros componentes discursivos para veicular significado, não sendo assim consideradas como ferramentas para busca e recuperação de marcas linguísticas, mas como meio de sistematicamente conectar elementos textuais, orações e complexos oracionais.

1.6.1 O sistema de CONJUNÇÃO

Na linguística sistêmico-funcional, conjunções são compreendidas como um sistema que, seguindo as mesmas categorias das relações lógico-semânticas de *expansão* entre orações e complexos oracionais, se divide em três subtipos: *elaboração*, *intensificação* e *extensão* (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 540).

A figura¹⁴ seguinte apresenta uma sistematização das categorias deste sistema:

¹⁴ Com exceção das três categorias das relações lógico-semânticas (*elaboração*, *extensão* e *intensificação*), cujas traduções já foram aprovadas por pesquisadores da lista de discussão sobre a LSF em português, as subcategorias do sistema apresentado na figura são de minha tradução.

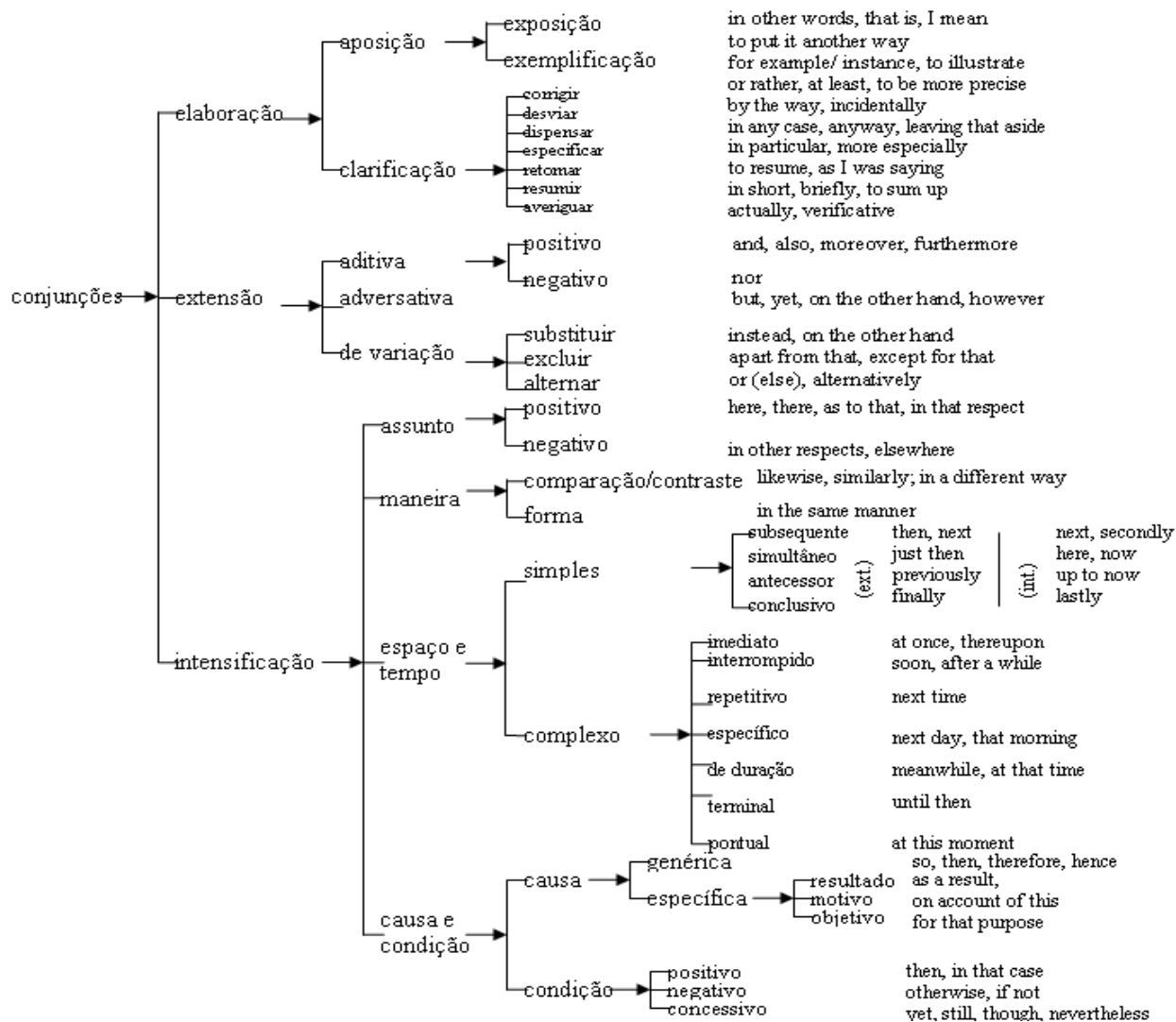


FIGURA 1 – Categorias do sistema de CONJUNÇÃO
 Fonte: Halliday e Matthiessen (2004, p. 541). Minha tradução

De forma mais simplificada, Halliday e Hasan (1976, p. 238) caracterizam as conjunções como divididas em quatro categorias: aditivas, adversativas, causais e temporais. Ainda, os autores exemplificam tais categorias com as conjunções *and*, *yet*, *so* e *then*, reconhecendo que elas podem ser abordadas com um maior nível de delicadeza¹⁵ (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 239).

Halliday e Hasan também apontam que tais relações podem ser construídas em significados inseridos no nível ideacional ao ligar dois eventos da realidade exterior, ou

¹⁵ Entende-se por delicadeza (*delicacy*) o grau de refinamento e detalhamento entre dois sistemas e/ou estruturas (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 22).

no nível interpessoal, ao veicular “uma relação entre elementos ou etapas no processo comunicativo – por exemplo, entre dois passos em um argumento”¹⁶ (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 308). Para ilustrar estes dois tipos de relação, os autores apresentam dois exemplos:

First he switched on the light. Next, he inserted the key into the lock.

First he was unable to stand upright. Next, he was incapable of inserting the key into the lock.

Em ambos os exemplos, o item coesivo temporal *next* pressupõe um evento que precede o apresentado no complexo anterior, ambos indicados no ambiente textual. Entretanto, a primeira instância presume um evento que reside no conteúdo do que é dito, enquanto o evento que antecede a segunda oração no segundo exemplo é delineado pela organização discursiva do falante, sendo considerado apenas um evento de ordem linguística (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 239). Isto significa dizer, segundo os autores, que as conjunções podem ser interpretadas tanto em termos da função experiencial/ideacional quanto em termos da função interpessoal da linguagem. Isto é, o significado pode ser representado pela experiência de uma realidade exterior ou por uma marca interpretativa interna selada pelo próprio falante ao discorrer sobre determinado evento (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 240). Assim, as conjunções podem ser classificadas como *externas* e *internas*, respectivamente.

Martin (1992) revisita a diferenciação entre as relações externas e internas empreendida por Halliday e Hasan (1976), reelaborando-a:

As relações internas estruturam a semiose; as externas codificam a estrutura do mundo. (...) Isso significa dizer que estas são largamente orientadas ao campo – elas codificam a organização institucional de nossa cultura. Relações internas, por outro lado, são orientadas ao gênero (...), codificando a organização do texto do modo como este é formulado para construir nossa cultura¹⁷. (MARTIN, 1992, p. 180)

¹⁶ Minha tradução para: “(...) as a relation between elements or stages in the communication process - for example between two steps in an argument.”

¹⁷ Minha tradução para: “Internal relations in other words structure semiosis; external ones code the structure of the world. (...) This would treat external relations as by and large oriented to field —they encode the institutional organisation of our culture. Internal relations on the other hand are oriented to genre (...) — they encode the organisation of text as it is formulated to construct our culture.”

Nesta citação, o autor considera que as relações internas organizam o texto em si e que as externas descrevem a forma como o mundo se encontra organizado. Esta posição implicaria na inclusão da metafunção textual como possível viés para se contemplar as marcas coesivas. Deste modo, pode-se dizer que as relações externas se associam à metafunção experiencial da linguagem, ao passo que as construções internas podem ser vislumbradas através das metafunções interpessoal e textual.

O autor apresenta os seguintes exemplos para ilustrar uma relação externa e duas relações internas, respectivamente:

Ben came in **and then** had a drink (MARTIN, 1992, p. 182)

Has she got Peter Pan? Yeah. **But** we'll tell you what we haven't got (MARTIN, 1992, p. 181)

Ben runs well; **like** you should see his start (MARTIN, 1992, p. 182)

No primeiro exemplo, a marca coesiva *and then* relaciona dois eventos ocorridos no mundo em uma sequência de tempo, construindo assim significado ideacional. No segundo, a conjunção *but*, ainda que possua carga adversativa, tem como função principal explicitar um movimento discursivo num diálogo entre duas pessoas, possuindo assim caráter textual. No último exemplo, o item *like* marca a forma na qual as orações se encontram concatenadas e, segundo o autor, veicula uma comparação que se faz presente apenas na argumentação do falante, sendo conseqüentemente de natureza interpessoal.

1.6.2 As conjunções externas e internas segundo Martin e Rose

Martin e Rose (2003) definem a conjunção como um sistema semântico do discurso da seguinte forma:

Conjunções atuam como conectores lógicos entre elementos, adicionando-os e reunindo-os, comparando-os, ordenando-os em uma sequência temporal, ou explicando suas causas, propósitos ou condições.¹⁸ (MARTIN; ROSE, 2003, p. 110)

Assim como os autores mencionados nas seções anteriores, Martin e Rose também abordam o sistema de conjunção pelo prisma externo e interno. Segundo eles, conjunções externas conectam eventos que se observam em âmbito experiencial e conjunções internas combinam os movimentos lógicos presentes no texto em si (MARTIN; ROSE, 2003, p. 120). Estes também se dedicam à explicação acerca de ambas as relações, porém promovendo uma separação entre elas de forma mais metódica. O quadro seguinte (traduzido para o português) apresenta esta diferenciação (MARTIN; ROSE, 2003, p. 127):

QUADRO 1

Funções desempenhadas por conjunções externas e internas segundo Martin e Rose (2003)

Relação lógica	Externa	Interna
Adição	Adiciona atividades	Adiciona argumentos
Comparação	Compara e contrasta eventos, coisas e qualidades	Compara e contrasta argumentos e evidências
Tempo	Ordena eventos no tempo	Ordena eventos no texto
Consequência	Explica por que e como os eventos acontecem	Tece conclusões ou contrapõe argumentos

Os autores posteriormente sistematizam em categorias e subcategorias as conjunções externas e internas e as apresentam com exemplos conforme os quadros a seguir (aqui traduzidos para o português) (MARTIN; ROSE, 2003, p. 133 e 134)¹⁹:

¹⁸ Minha tradução para: “Conjunctions serve as logical connections between figures, adding them together, comparing them, sequencing them in time, or explaining their causes, purposes or conditions.”

¹⁹ A conjunção *but* se encontra sublinhada e em negrito nos quadros.

QUADRO 2

Categorias e subcategorias das conjunções externas segundo Martin e Rose (2003)

Adição	aditivo	adicionar	<i>and, besides, both.. .and</i>
		subtrair	<i>nor, neither.. .nor</i>
	alternativo		<i>or, either.. .or, if not.. .then,</i>
Comparação	similar		<i>like, as if</i>
	diferente	oposto	<i>whereas, while</i>
		substitutivo	<i>instead of, in place of, rather than</i>
		excludente	<i>except that, other than, apart from</i>
Tempo	sucessivo	temporal	<i>after, since, now that; before</i>
		imediatos	<i>once, as soon as; until</i>
	simultâneo		<i>as, while, when</i>
Causa*		expectativa	<i>because, so, therefore</i>
		concessão	<i>although, even though, but, however</i>
Meio*		expectativa	<i>by, thus</i>
		concessão	<i>even by, but</i>
Condição*	aberto	expectativa	<i>if then, provided that, as long as</i>
		concessão	<i>even if, even then</i>
	fechado		<i>unless</i>
Intenção*	desejo	expectativa	<i>so that, in order to, in case</i>
		concessão	<i>even so, without</i>
	receio		<i>lest, for fear of</i>

* Estas categorias fazem parte de uma mesma categoria geral, qual seja, *consequência* (MARTIN, 2003, p. 119)

QUADRO 3

Categorias e subcategorias das conjunções internas segundo Martin e Rose (2003)

Adição	desenvolvimento	aditivo	<i>further, furthermore, moreover, in addition, as well, besides, additionally</i>
		alternativo	<i>alternatively</i>
	preparação	enquadrar	<i>now, well, alright, okay</i>
		desviar	<i>anyway, anyhow, incidentally, by the way</i>
Comparação	similar	comparar	<i>similarly, again</i>
		reelaborar	<i>that is, i.e., for example, for instance, e.g. in general, in particular, in short</i>
		ajustar	<i>in fact, indeed, at least</i>
	diferente	contrastar	<i>rather, by contrast</i>
		retratar	<i>on the other hand, conversely</i>
Tempo	sucessivo	ordenação	<i>first, secondly, third, next, previously</i>
		término	<i>finally, lastly</i>
	simultâneo	adjacente	<i>at the same time</i>
		interrompido	<i>still</i>
Consequência	conclusão	concluir	<i>thus, hence, accordingly, in conclusion, consequently</i>
		justificar	<i>after all</i>
	contraposição	dispensar	<i>anyway, anyhow, in any case, at any rate</i>
		conceder	<i>admittedly, of course, needless to say</i>
		inesperado	<i>nevertheless, nonetheless, still</i>

Os quadros expõem as conjunções de forma minuciosa, dividindo-as em categorias gerais e avançando no nível de delicadeza com categorias de cunho mais específico.

Segundo os autores, a conjunção *but* (um dos focos desta pesquisa e sobre a qual discorro mais apuradamente nas seções seguintes) encontra-se inserida apenas no grupo das conjunções externas (ver Quadro 1), possuindo um caráter eminentemente concessivo no âmbito das categorias gerais *causa* e *meio*. Entretanto, os autores não

fornecem exemplos desta conjunção inserida em cada uma destas duas categorias (e tampouco das categorias das conjunções internas), mas apresentam instâncias de *but* apenas sob o rótulo geral *concessão*, conforme a instância abaixo:

I can't handle the man anymore!
But I can't get out. (MARTIN; ROSE, 2003, p. 131)

As conjunções adversativas no inglês estabelecem uma relação de contrariedade de expectativas (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 254). Martin (1983b) divide o rótulo *adversativo* proposto por Halliday e Hasan em dois: *concessão* e *contraste* (cf. Martin 1983b). Martin (1992, p.171) explica que o rótulo *concessão* se insere na categoria geral (das conjunções) *consequência* e que o rótulo *contraste* se inscreve na categoria *comparação*. Martin e Rose (2003), ao sistematizarem as conjunções de forma mais detalhada, renomeam o rótulo *contraste* para o rótulo *comparação*, na subcategoria *diferente*, diluindo esta subcategoria em três subcategorias: *oposto*, *substitutivo* e *excludente* (ver Quadro 2). Já o rótulo *concessão* é mantido na sistematização como pertencente à categoria geral *consequência*, sendo porém dividido em duas subcategorias: *causa* e *meio* (ver Quadro 2). Tendo isto em vista, percebe-se que a ideia de adversidade proposta por Halliday e Hasan (1976) correlaciona-se à noção de concessividade sugerida por Martin e Rose (2003). Deste modo, as conjunções *but* em inglês e *mas* no português de caráter externo (encontradas no *corpus*) serão simplesmente classificadas como conjunções que estabelecem relações *adversativas/concessivas*.

Uma vez que a tônica deste estudo recai sobretudo nas categorias de ordem interna, estas duas categorias externas (*causa* e *meio*) sob o rótulo *concessão* de Martin e Rose (2003) não serão exploradas, ou seja, não serão contempladas enquanto categorias para análise do *corpus* desta pesquisa. Estas estarão presentes na análise somente sob o rótulo geral *conjunção externa* (cuja etiquetagem será discorrida no capítulo de

metodologia). Assim, apenas as categorias e subcategorias de ordem interna apresentadas no Quadro 3 serão abordadas com maior detalhamento.

O quadro abaixo apresenta a explicação das funções e os respectivos exemplos de conjunção interna em uso para a maioria das categorias e subcategorias propostas pelos autores:

QUADRO 4

Funções e exemplos de uso de conjunções internas (c.f MARTIN; ROSE, 2003)

Categoria Geral	Subcategoria	Função da conjunção	Exemplo da subcategoria
Adição	desenvolvimento- aditivo	Introduz argumentos em uma exposição de eventos	“The Act required that where the offence is a gross violation the application should be dealt with in a public hearing. Further , retributive justice is not the only form of justice: there is another kind of justice, restorative justice.”
	desenvolvimento- alternativo	Introduz argumentos alternativos em uma exposição de eventos	“Retributive justice is one form of justice. Alternatively it's clear there is another kind of justice, restorative justice.”
Comparação	similar - comparar	Relaciona duas ideias similares	“Relations of class to member can be used cohesively between messages. Again part-whole relations can be used cohesively between messages.”
	similar-reelaborar	Reformula um conceito com outros termos	“Such evaluations can be more or less intense, that is they may be more or less amplified.”
	similar - ajustar	Especifica e resume uma proposição através de outra	“The victim loses the right to sue for civil damages in compensation from the perpetrator. That is indeed a high price to ask the victims to pay.”
	diferente - contrastar	Contrasta duas proposições	“These conjunctions are not linking events in the world beyond the text; rather they are used to link logical steps that are internal to the text itself.”
	diferente - retratar	Contesta duas proposições de forma mais assertiva	“To this point we have looked at clauses and their elements from the perspective of discourse. Grammarians on the other hand look at elements of clauses from the perspective of the grammar.”
Tempo	sucessivo – ordenação	Sinaliza o começo de um novo estágio na argumentação	“ Firstly the Act required that where the offence is a gross violation the application should be dealt with in a public hearing. Secondly it is not true that ... amnesty encourages impunity because amnesty is only given to those who plead guilty.”

	sucessivo - término	Sinaliza o término de uma sucessão de argumentos	“ Finally , retributive justice. . .is not the only form of justice.. .there is another kind of justice, restorative justice.”
	simultâneo - adjacente	Apresenta uma simultaneidade entre proposições	“Significant increases in student achievement have been measured...the average improvement in reading and writing was 2.5 levels. At the same time , teachers have noted a range of student learning outcomes that are more difficult to measure,(...)”
Consequência	conclusão – concluir	Apresenta uma conclusão de um argumento	“(...) there is another kind of justice, restorative justice. Thus we would claim that... justice is being served.”
	conclusão - justificar	Apresenta uma conclusão justificando um argumento	“On the face of it, we might argue that the evaluation in Helena's story comes from Helena. She's the narrator after all .”
	contraposição - dispensar	Desconsidera um argumento apresentando outro	“So, the poor guy went and rewrote it with different lyrics. (A little trivia for ya ...) Anyway , this cd is a must!”
	contraposição - conceder	Veicula concessão a um argumento e o refuta posteriormente	“Stated in these terms, the victory over apartheid seems like a simple one of right over wrong, good over evil. But of course social conflicts are rarely so simple.”
	contraposição - inesperado	Realiza uma contraposição a um argumento com um novo argumento	“Relationships and qualities of life are abstract sorts of things, but can be evaluated as things nevertheless .”

Os autores somente não apresentam exemplos de uso das categorias *adição-preparação-enquadrar*, *adição-preparação-desviar* e *tempo-simultâneo-interrompido*. Entretanto, eles explicam que a conjunção da primeira categoria introduz um novo argumento enfocando-o e que a marca coesiva da segunda categoria promove uma guinada no fluxo discursivo (MARTIN; ROSE, 2003, p.122). Para a terceira categoria, Martin (1992, p. 224) explica que a conjunção marca apenas uma falta de contiguidade entre duas proposições. Este autor fornece exemplos para cada um destes três respectivos tipos de relações conjuntivas:

- She'll like fairy tales, does she?.
- **Well**, fairy tales, anything like that, yeah. (MARTIN, 1992, p. 218)
- (...) I'd been a little worried about him, getting sick so often and all.
- Yeah, me too.
- **Anyway**, I'll see you around eight then. (MARTIN, 1992, p. 220)

(...) When we say *the police killed the rioters* is transformed into *rioters shot*, we're simply pointing out the ideological transformation that has taken place.
 - But **still**, you're implying that something has changed in the text.
 (MARTIN, 1992, p. 220)

Cabe aqui salientar que esta pesquisa se propõe a averiguar, entre outros aspectos, em que medida as categorias de relações internas propostas por Martin e Rose (2003) se aplicam às ocorrências de *but* no *corpus* composto por textos ficcionais originais em inglês e às instâncias de *mas* em textos traduzidos para o português brasileiro a partir destes textos ficcionais em inglês. Ainda, busca-se verificar se estas categorias abarcam todas as ocorrências de *mas* nos textos originalmente escritos em português brasileiro.

Mais adiante, na sessão de metodologia, estas categorias serão retomadas para serem empregadas na anotação do *corpus* deste estudo (juntamente com as categorias propostas por Thompson (2005), destrinchadas na seção seguinte).

1.6.3 A tridimensionalidade das conjunções segundo Thompson

Em seu trabalho de 2005, Geoff Thompson discorre sobre a perspectiva que adota para investigar as conjunções. O autor estuda o fenômeno sob uma ótica de relações semânticas, na qual todo e qualquer segmento textual pode ser conectado independente da presença ou não de uma marca coesiva (THOMPSON, 2005, p. 765). Segundo ele, “cada oração em um segmento do discurso tido como coerente se relaciona de certa forma com pelo menos uma oração próxima ou adjacente”²⁰ (THOMPSON, 2005, p. 765), sendo que esta relação pode ser ou não explicitada por uma conjunção.

²⁰ Minha tradução para: “(...) each clause in a stretch of discourse that is perceived as coherent stands in some kind of relation to at least one other adjacent or nearby clause(...)”. Cabe aqui ressaltar que as conjunções *but* e *mas* em ambos os *corpora* serão analisadas levando-se em conta orações diretamente ou proximamente ligadas.

Thompson também distingue as conjunções externas das conjunções internas, reconhecendo que estas são relações que permeiam “passos e movimentos no discurso”²¹ e que aquelas compreendem relações que conectam “eventos e condições externas representados no texto”²² (THOMPSON, 2005, p. 764).

O autor reconhece as contribuições fornecidas por alguns trabalhos ao aspecto interno das conjunções, que conferiram a esta uma maior proeminência (*c.f.* HALLIDAY; HASAN, 1976; MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2003). Entretanto, Thompson advoga que tais autores entendem esse tipo de conjunção como uma mera extensão da variável externa, não considerando-a como uma categoria consolidada em termos sistêmico-funcionais.

Thompson aponta que a variável interna não se encontra proficuamente definida e sugere que esta deva ser categorizada de forma a receber espaço central (e não periférico) no discurso.

Para tal, o autor se baseia mormente no trabalho de Martin e Rose (2003), cujas premissas também contemplam um modelo com maior detalhamento para as conjunções externas e internas, mas que, segundo ele, não exploram com mais profundidade “a natureza e o escopo da conjunção ‘interna’”²³.

Thompson discorre sobre as conjunções internas, caracterizando-as, de acordo com Martin (1992) e Martin e Rose (2003), como “passos da lógica interna do texto”²⁴ (MARTIN; ROSE apud THOMPSON, 2005, p. 772). Entretanto, o autor aponta que estes não buscaram exaurir as possibilidades deste tipo de relação, uma vez que enfocam apenas nas relações de ordem textual (THOMPSON, 2005, p. 772). Assim,

²¹ Minha tradução para: “(...) steps or moves in the discourse (...)”

²² Minha tradução para: “(...) external events and states represented in the text (...)”

²³ Minha tradução de Thompson (2005, p. 768) para: “(...) the nature and the scope of ‘internal’ conjunction”.

²⁴ Minha tradução para: “(...) the steps in the text’s internal logic (...)”

Thompson reforça que as marcas coesivas também possuem um propósito de “negociação interpessoal de ideias”²⁵ e sugere que as conjunções internas sejam claramente divididas em duas categorias, quais sejam: interpessoal e textual.

O autor propõe assim uma análise tridimensional que contemple as metafunções ideacional²⁶, interpessoal e textual, pois advoga que:

(...) a qualquer momento o falante pode enfatizar as conexões do ‘mundo real’, ou influenciar e/ou guiar as reações do ouvinte ao que está sendo dito, ou explicitar a organização do que está sendo dito²⁷.

Para as três respectivas metafunções, Thompson fornece os seguintes exemplos:

She held the cord in a loop *and* flung it softly and repeatedly where she thought the switch might be. (THOMPSON, 2005, p. 771)

Indiscreet he may be, *but* we’ve never seen worse behavior. (THOMPSON, 2005, p. 780)

I was coming home from work *and* I only seemed to feel it when I got in last night. (THOMPSON, 2005, p. 777)

No primeiro exemplo, a conjunção aditiva *and* é utilizada para conectar dois eventos no mundo, sendo assim de natureza ideacional. No segundo, há uma concessão a determinado argumento, porém este é imediatamente sobreposto por uma asserção introduzida pela conjunção *but*, o que veicula uma interposição do falante para interagir com o seu interlocutor (relação interpessoal). Por fim, a conjunção *and* do terceiro exemplo somente adiciona argumentos, sendo ela focada na mensagem e com a função apenas de contribuir para a organização do texto.

²⁵ Minha tradução para: “(...)interpersonal negotiations of claims.” (THOMPSON, 2005, p.774)

²⁶ Thompson, ao contrário de Martin e Rose (2003), não categoriza as relações externas de forma sistemática, basicamente utilizando no seu estudo as categorias propostas por estes autores (listadas na seção 1.6.2) para este tipo de relação.

²⁷ Minha tradução de Thompson (2005, p. 775) para: “(...)at any moment the speaker may be more concerned to foreground ‘real-world’ connections, or to enact awareness of, and/or guide, the hearer’s reactions to what is being said, or to make explicit the organization of what is being said”.

1.6.3.1 Dividindo a conjunção interna

Com o objetivo de conferir proeminência às relações conjuntivas internas, Thompson lança luz sobre as metafunções textual e interpessoal para fornecer um esboço de tais relações. O autor apresenta o quadro abaixo com as categorias de conjunções, aqui traduzido para o português (THOMPSON, 2005, p. 784):

QUADRO 5

Categorias das conjunções textuais e interpessoais segundo Thompson (2005)

Categoria Geral	Textual (interna - Martin e Rose (2003))	Interpessoal	Subcategoria
Adição	desenvolvimento preparação		
Comparação	similar diferente	expectativa-afirmação negação - contraposição	
Tempo	sucessivo simultâneo		
Consequência	conclusão contraposição	situação – avaliação concessão – asserção avaliação – base condição - avaliação	conclusão - base ação – base condição-conclusão condição - resposta

Percebe-se que Thompson utiliza as mesmas categorias gerais (adição, comparação, tempo e consequência) de Martin e Rose (2003) (apresentadas na seção 1.6.2 desta dissertação) para explorar tanto as conjunções textuais quanto as interpessoais. Ainda, o autor lança mão das mesmas subcategorias propostas pelos autores supracitados (ainda que com um menor nível de delicadeza) para estudar as conjunções de natureza textual.

Uma vez que estas categorias já foram expostas e exemplificadas na seção 1.6.2, apresento abaixo as funções e instâncias em uso das conjunções nas categorias e subcategorias interpessoais propostas por Thompson (2005):

QUADRO 6

Função e instâncias de conjunções interpessoais (c.f THOMPSON, 2005)

Categoria Geral	Subcategoria (conjunção interpessoal)		Função da conjunção	Exemplo da subcategoria
Comparação	expectativa - afirmação		Apresenta uma proposição supostamente aceita pelo interlocutor e confirma sua validade.	You may fear the judgments and reactions of others when you tell them the news of your child's special needs and indeed you may not get the response you hope for from everyone you love.
	negação - contraposição		Veicula uma negativa que geralmente reflete a consciência que o falante possui acerca das expectativas do interlocutor, sendo estas expectativas já introduzidas na própria negação.	(...) they don't speed up the healing, [instead] it's just to make life comfortable for you.
Consequência	situação - avaliação		Expõe uma situação e em seguida resume esta situação.	In their minds, however, the customer sits at the top of the food chain. They must remain focused on who they are serving, i.e, the customer, not you. And that's the catch!
	concessão - asserção		Sinaliza uma aceitação parcial das expectativas do interlocutor e introduz um conflito com o que é esperado por este.	- It was so painful would you... -Oh no it is, but it's alright as long as you don't move (...)
	avaliação - base	conclusão - base	Justifica uma conclusão através de uma proposição.	I'd better come to the doctor because with me working with residents I thought well I don't want to put my back out.

		ação - base	Justifica uma ação através de uma proposição.	D'you mean 'did' or 'do'. [My reason for asking this is] Cause we don't go out with anybody much anymore.
	condição - avaliação	condição -conclusão	Relaciona uma proposição a uma condição sob a qual esta proposição é feita.	“If [because] It's 2005, it Must Be Time For Another War”
		condição -resposta	Relaciona uma condição a uma proposição, na qual esta justifica aquela.	“If you want to find your life purpose the easy way, [because] there is an excellent program that does the work for you and takes as little as 30 minutes”.

Diferentemente de Martin e Rose (2003), Thompson considera e fornece um exemplo de *but* como conjunção interna, inserindo esta na categoria *concessão-asserção*.

Juntamente às categorias das conjunções textuais propostas por Martin e Rose (2003) e apresentadas nesta e na seção 1.6.2, as categorias das relações conjuntivas de ordem interpessoal expostas no quadro acima serão utilizadas para se analisar o *corpus* desta pesquisa (estas serão retomadas no capítulo de metodologia). Assim, buscar-se-á investigar até que ponto estas categorias se aplicam às ocorrências das conjunções *but* e *mas* em *corpus* paralelo e comparável.

1.6.4 A conjunção *but* como marca coesiva externa e interna

De acordo com Halliday e Hasan (1976), conjunções que veiculam adversidade podem estar inseridas tanto no plano externo quanto interno. Para o primeiro caso, Halliday e Hasan (1976, p. 250) fornecem o seguinte exemplo:

All this time Tweedledee was trying his best to fold up the umbrella, with himself in it...**But** he couldn't quite succeed, and it ended in his rolling over, bundled up in the umbrella, with only his head out.

No que concerne às conjunções internas, os autores a abordam da seguinte forma:

A relação adversativa também possui o seu aspecto interno. Neste caso, o significado subjacente ainda compreende o 'ao contrário do que se espera'; mas a fonte de expectativa não se encontra no conteúdo da sentença anterior, mas na configuração entre falante-ouvinte, ou seja, no ponto alcançado no processo da comunicação (...)²⁸

Este caso é ilustrado pelos seguintes exemplos (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 253):

...you'll find yourself in the Fourth square in no time. Well, that square belongs to Tweedledum and Tweedledee – the Fifth is mostly water – the Sixth belongs to Humpty Dumpty – **But** you make no remark?

...you might catch a bat, and that's very much like a mouse, you know. **But** do cats eat bats, I wonder?

Os autores explicam que a conjunção *but* no exemplo acima não veicula o “apesar dos fatos”²⁹, mas o “apesar dos papéis que desempenhamos, do estado da argumentação”.³⁰ (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 253). Pode-se assim entrever um caráter interpessoal que Halliday e Hasan conferem a este tipo conjunção.

Martin (1992) e Thompson (2005) também reconhecem o potencial de construção de significado interno veiculado pela realização de *but*:

- Dinner's ready.

- *But* I'm not hungry. (MARTIN, 1992, p. 222)

She was poor *but* she was honest. (THOMPSON, 2005, p. 779)

No primeiro exemplo acima, ainda que haja conteúdo adversativo, o segundo falante utiliza a conjunção *but* para dispensar uma proposição, possuindo esta conjunção

²⁸ Minha tradução de Halliday e Hasan (1976, p.240) para: “The adversative relation also has its internal aspect. Here the underlying meaning is still ‘contrary to expectation’; but the source of the expectation is to be found not in what the presupposed sentence is about but in the current speaker-hearer configuration, the point reached in the communication process(...)”.

²⁹ Minha tradução para: “(...)in spite of the facts (...)”.

³⁰ Minha tradução para: “(...) in spite of the roles we are playing, the state of the argument (...)”

a função maior de organizar o texto. No segundo, *but* constrói a visão do falante (e possivelmente do seu interlocutor) acerca da relação entre pobreza e honestidade (THOMPSON, 2005, p. 779).

A partir do exposto acima, pode-se assim esboçar a conjunção *but* enquanto uma marca coesiva capaz de construir significado ideacional, interpessoal e textual. No nível ideacional, nota-se que a conjunção relaciona duas proposições antagônicas entre si explicita e diretamente veiculadas por duas ou mais orações. No prisma textual, há uma redução (ainda que não por completo) do significado adversativo da conjunção, sendo sua função principal não a de conectar proposições que estabeleçam uma relação de contrariedade no ambiente textual, mas a de contribuir para o fluxo discursivo do texto. No âmbito interpessoal, há também um apagamento da natureza adversativa da conjunção, cuja principal função é a de apresentar uma marca opinativa do falante (ao relacionar duas proposições) no intuito de influenciar as reações do seu interlocutor.

Para o esboço descritivo do equivalente prototípico de *but* no português brasileiro, apresento na seção seguinte contribuições de cunho normativo e funcionalista fornecidos por autores que discorreram acerca da conjunção *mas* nesta língua.

1.6.5 A conjunção mas no português brasileiro

Evanildo Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, considera a conjunção como um “conector e transpositor” que reúne orações em um mesmo enunciado (BECHARA, 1999, p. 319). Este autor separa as conjunções em geral em duas categorias: *coordenadas* e *subordinadas*, apontando as relações *aditivas*, *alternativas* e *adversativas* como pertencentes ao grupo das conjunções coordenadas e as relações *causais*, *comparativas*, *concessivas*, *condicionais*, *conformativas*,

consecutivas, finais, modais, proporcionais e temporais como inseridas no conjunto das conjunções subordinadas. (c.f BECHARA, 1999).

Bechara inscreve a conjunção *mas* (juntamente com as conjunções *porém* e *senão*) na categoria das relações adversativas³¹, indicando que estas “enlaçam unidades apontando uma oposição entre elas” (BECHARA, 1999, p. 321).

O autor fornece o seguinte exemplo:

Acabou-se o tempo das ressurreições, **mas** continua o das insurreições”.
(BECHARA, 1999, p. 321)

Uma vez que o trabalho de Bechara não é calcado na análise de *corpus* e possui um caráter eminentemente normativo, este não oferece outras instâncias desta conjunção e não considera a construção de outros significados (além do adversativo) realizada por *mas*.

Em sua *Gramática de Usos do Português*, Maria Helena Neves se engaja na descrição do uso efetivo³² das conjunções por uma abordagem funcionalista. Isto é, a autora analisa tais itens coesivos a partir do escrutínio de seus usos correntes na língua, ainda que não o faça de uma perspectiva sistêmico-funcional.

Neves divide as conjunções em duas grandes categorias: *coordenativas* e *subordinativas adverbiais*. Na esfera das conjunções coordenativas, encontram-se as construções *aditivas*, *adversativas* e *alternativas*. (NEVES, 2000, p. 10) Já no âmbito das conjunções subordinativas adverbiais, destacam-se as construções *temporais*, *causais*, *condicionais*, *concessivas*, *finais*, *comparativas*, *consecutivas*, *conformativas*, *proporcionais* e *modais* (NEVES, 2000, p. 10 e 11).

³¹ Vale salientar que o autor observa a conjunção como uma marca adversativa e não como um elemento concessivo, o que, de certa forma, difere da descrição de seu equivalente prototípico externo *but* no inglês pelo viés sistêmico-funcional.

³² A autora utiliza um *corpus* compilado no Centro de Estudos Lexicográficos da UNESP. (NEVES, 2000, p. 14)

Assim como Bechara, Neves insere a conjunção *mas* na categoria das conjunções coordenativas adversativas. A autora aponta a conjunção como principal protótipo realizador de uma relação de desigualdade entre duas orações:

Como coordenador, o MAS evidencia exterioridade entre dois segmentos coordenados e, a partir daí, coloca o segundo segmento como de algum modo diferente do primeiro, especificando-se essa desigualdade conforme as condições contextuais. (NEVES, 2000, p. 756)

Para ilustrar esta relação, Neves (2000, p. 755) apresenta os seguintes exemplos:

Vocês servem mal, **mas** a comida é ótima!

Eu estava no quarto **mas** não dei o tiro, pois minha missão era amarrar o homem.

A autora ainda discorre sobre os possíveis valores semânticos de *mas*, destacando a contraposição, a compensação, a restrição, a progressão temática (introdução de novo tema) e a negação como as relações mais comumente estabelecidas pela conjunção (*cf.* NEVES, 2000).

Ainda que fortemente baseado na funcionalidade e sugerindo funções para a conjunção *mas* que ultrapassam o caráter adversativo/concessivo, a descrição tecida pela autora não fornece subsídios sistematizados para uma apreciação de natureza interpessoal e textual desta conjunção no português brasileiro.

1.6.6 A conjunção but e mas em estudos que contemplam abordagens funcionais e sistêmico-funcionais

Entre alguns trabalhos que contemplaram a análise da conjunção *but* utilizando abordagens linguísticas sistêmico-funcionais, cito o estudo de Soares (2008). Neste estudo, o autor empreende uma análise de elementos gramaticais que contribuem para a organização textual (incluindo o sistema de CONJUNÇÃO) em um *corpus* composto

por textos jornalísticos originalmente escritos em inglês. Entre outras conjunções, Soares examina a conjunção *but* no viés interno e externo para traçar padrões de construção de significado entre orações.

No português brasileiro, a conjunção *mas*, entre outras conjunções, compreendeu objeto de análise de Chaves (2008), Mota-Roth e Lovato (2008) e Rocha (2008). No primeiro estudo, o autor promove uma revisão teórica de estudos funcionalistas e sistêmico-funcionais para lançar luz sobre o uso efetivo de diversos tipos de conjunção. Mota-Roth e Lovato, por sua vez, se engajam na descrição da função e ocorrência de elementos coesivos em artigos de popularização científica. Por fim, Rocha emprega modelos funcionalistas que descrevem a conjunção *but* no inglês para analisar o uso efetivo de *mas* em português brasileiro.

Ainda que os estudos que contemplaram a conjunção *mas* tenham revisado sólidas teorias de base funcional para investigar esta relação conjuntiva, nenhum deles se propôs a sistematizar de forma pontual as relações externas e internas construídas por esta conjunção.

1.7 A descrição do sistema linguístico à luz da tipologia linguística e dos Estudos da Tradução

A obra *Language Typology* (c.f CAFFAREL; MARTIN; MATTHIESSEN, 2004) promove um mapeamento sistêmico-funcional de diversas línguas (entre elas o francês, o alemão, o japonês e o telugu) para fins de estudo da tipologia linguística. Segundo os autores, a tipologia deve ser compreendida como um estudo geral das diferenças e similaridades entre diversas línguas e que, a partir de um arcabouço de generalizações obtidas sobre tais, torna-se possível a descrição de uma língua em particular (CAFFAREL; MARTIN; MATTHIESSEN, 2004, p. 1). No que tange à tipologia e a LSF, os autores também advogam que esta não foi desenvolvida propositalmente para

lidar com aquela, mas foi elaborada para ser um recurso linguístico flexível e capaz de abordar diversas questões acerca da linguagem (CAFFAREL; MARTIN; MATTHIESSEN, 2004, p. 5). Considerando-se ainda necessária e de extrema relevância a distinção entre *teoria* (LSF) e *descrição* (tipologia em si), na qual a primeira resume-se em pressupostos gerais a todos os sistemas linguísticos aplicáveis no delineamento das configurações específicas de determinado sistema (CAFFAREL; MARTIN; MATTHIESSEN, 2004, p. 6), tais prerrogativas sugerem ser assim possível e frutífera tal interface.

Os Estudos da Tradução entram em cena exatamente na abordagem sistêmico-funcional de instanciações (textos) particulares em determinado contexto de situação e cultura (tipologia específica):

O ambiente mais imediato de instâncias de variação tipológica compreende um texto em particular em um contexto de situação específico, representando, de certa forma, o ponto onde os estudos de tipologia e da tradução convergem³³

Matthiessen, em seu trabalho *The Environments of Translation* (2001), também reforça essa interface:

Creio que só é possível aprofundar nossa percepção linguística sobre a tradução através de sua contextualização e não de seu isolamento. Isto significa, dentre outras questões, explorar a tradução como um fenômeno onde esta deixe de reconstruir significado e passe a construí-lo, no qual a tradução enquanto fenômeno se encontre em uma tipologia de sistemas, e enquanto campo de estudo se encontre associada a outros domínios da multilinguagem, como a linguística comparada, a análise contrastiva e a tipologia linguística.³⁴

³³ Minha tradução de Caffarel, Martin & Matthiessen (2004, p. 38) para: “The narrowest instantial environment of typological variation is that of a particular text in a specific context of situation, which is in a sense where typological studies and translation studies meet”.

³⁴ Minha tradução de Matthiessen (2001, p. 42-3): “I believe that we can only gain further linguistic insight into translation by contextualizing it rather than by insulating it. This will mean among other things exploring where the outer limits of translation as a phenomenon lie — where translation ceases to be re-construal of meaning and shades into first-time construal of meaning, where translation as a phenomenon is located in a typology of systems, and where translation as a field of study is located relative to other fields concerned with multilinguality - comparative linguistics, contrastive analysis and typological linguistics”.

Calculando-se no arcabouço destas duas obras, pode-se assim realizar a análise de traduções com fins comparativos e como modo de descrição sistêmico-funcional de um sistema linguístico específico.

CAPÍTULO 2

CORPUS E METODOLOGIA

2 CORPUS E METODOLOGIA

2.1 Tipo e tamanho do corpus

Como previamente mencionado no capítulo de revisão teórica, o *corpus* desta pesquisa será do tipo *paralelo bilíngue* (c.f KENNY, 2001) e *comparável monolíngue* (c.f OLOHAN, 2004), isto é, um *corpus* composto por textos fonte em inglês e textos alvo em português brasileiro e um *corpus* de textos traduzidos para o português brasileiro³⁵ comparado a um *corpus* de textos originalmente produzidos nesta língua. Todos os textos pertencem ao registro³⁶ ficção. Quanto ao tamanho, o *corpus* conta com 90.998 palavras (30.112 palavras para os textos originais em inglês, 30.816 para os textos traduzidos para o português brasileiro e 30.070 para os textos originalmente produzidos em português brasileiro). Trata-se de um *corpus* de extensão pequena-média, segundo Sardinha (2004, p. 26), o qual categoriza como tal um *corpus* de tamanho entre 80 e 250 mil palavras.

Este foi compilado seguindo um dos registros presentes no *Corpus Brasileiro de Língua Portuguesa - KLAPT!* - desenvolvido a partir do projeto CroCo, idealizado na Universidade do Sarre, Alemanha, o qual apresento a seguir.

³⁵ Vale mencionar que o *subcorpus* de textos traduzidos ao português brasileiro é o mesmo do *corpus* paralelo bilíngue e do *corpus* comparável monolíngue utilizados nesta pesquisa.

³⁶ Nesta pesquisa, a noção de registro aproxima-se da perspectiva de Neumann (2005, p. 3), que se baseia em considerações de Halliday e Hasan (1989) acerca deste conceito. Segundo estes autores, o termo compreende uma variação linguística que ocorre em função de uma variação do contexto de situação.

2.1.1 O corpus CroCo e o Corpus Brasileiro de Língua Portuguesa - KLAPT!

O projeto CroCo tem por objetivo indagar sobre as especificidades do texto traduzido em comparação ao texto não-traduzido, no par linguístico inglês-alemão e em ambas as direções. Investiga-se a natureza da explicitação que ocorre devido à diferença entre sistemas linguísticos e informa-se acerca de outras propriedades da tradução, como a simplificação, a normalização, a estabilização (*levelling out*) e a visibilidade da tradução (*shining through*) (NEUMANN, 2005, p. 2). Para tal, compilou-se inicialmente um *corpus* de referência constituído de blocos de textos de 2000 palavras cada e de 17 registros diferentes, quais sejam: reportagens de imprensa, editoriais, críticas, textos religiosos, histórias folclóricas, biografias, textos políticos, textos científicos, ficção (em geral), histórias de mistério (*mystery*), discursos preparados, receitas, romances, licitações, guias turísticos e decisões judiciais. Compilou-se ainda um *corpus* original baseado na variabilidade funcional de registro, contemplando-se assim para análise textos de popularização da ciência, de propaganda turística, de discursos preparados, de ensaios políticos sobre economia, de ficção, de comunicação empresarial, de manuais de instrução e de páginas da internet (NEUMANN, 2005, p. 4).

O *Corpus Brasileiro de Língua Portuguesa* (KLAPT!) (cunhado a partir do intertexto fonológico com o verbo *klappt* em alemão - que traduz-se pelo verbo *funcionar* em português), atualmente desenvolvido por pesquisadores vinculados ao LETRA em parceria com a Universidade do Sarre, vem sendo compilado a partir de preceitos similares ao *corpus* CroCo, porém contemplando o par linguístico inglês-português e 6 registros, quais sejam: *website* educacional, ficção, artigo acadêmico, popularização da ciência, discurso político e propaganda turística. Os registros *website* educacional e artigo acadêmico do KLAPT! foram escolhidos em substituição aos registros ensaio, manual de instrução, páginas da internet e comunicação empresarial do

corpus CroCo, dada a dificuldade de se encontrá-los em textos na direção inglês-português e português-inglês.

A compilação de ambos os *corpora* foram baseados nos critérios de compilação de Douglas Biber (1990, 1993), o qual sugere que, por fins de representatividade, faz-se necessária a análise de uma amostra de 10 textos do mesmo registro com, no mínimo, 1000 palavras cada (BIBER apud NEUMANN, 2005, p.4). Entretanto, uma vez que o *corpus* CroCo tem o objetivo de criar subcorpora contendo textos mais longos de cada registro, compilou-se cada registro com textos de 3125 palavras correntes cada (NEUMANN, 2005, p.5). Contudo, por questões de ordem prática e metodológica, este critério de compilação de textos de cada registro para o par linguístico inglês-português não se mostra viável, dada a extrema dificuldade (ou até impossibilidade) de se localizar textos de todos os 6 registros contendo 3125 palavras cada. Assim, expandiu-se o escopo do tamanho para alguns registros, cujo número de palavras varia entre 1000 e 4000 cada texto, mantendo-se o critério de 10 textos por registro (*c.f.* JESUS, no prelo).

Uma vez que a análise das conjunções em 6 registros em um *corpus* combinado nos moldes do *corpus* KLAPT! se mostraria por demasiado extensa para esta pesquisa de mestrado, apenas o registro ficção³⁷ na perspectiva paralela e comparável foi contemplado. Assim, selecionou-se aproximadamente 3000³⁸ palavras de cada texto deste registro para o presente estudo. Este foi selecionado partindo da suposição de que as conjunções *but* e *mas* de natureza interpessoal e textual potencialmente ocorrem em textos escritos nos quais interações entre falantes estão presentes.

³⁷ Cabe mencionar que os textos do KLAPT! para este registro foram compilados por mim e pela pesquisadora bolsista PIBIC/CNPq Alyne Vieira Silva, sendo estes os mesmos utilizados nesta pesquisa.

³⁸ Vale lembrar que este número foi tomado como base apenas para os textos originais em inglês e português brasileiro, sendo que os textos traduzidos variam no tamanho em virtude de explicitações e implícitas realizadas pelos tradutores.

2.1.2 O corpus da pesquisa e seus critérios de compilação

Como anteriormente mencionado, o *corpus* desta pesquisa é composto por textos do registro ficção, mais especificamente por romances. A seleção dos romances foi baseada na premissa de que todos os textos selecionados para o KLAPT! deveriam ser produzidos a partir do ano de 1990 e por diferentes autores. Tal critério justifica-se pelo fato de que as pesquisas que investigam o processo tradutório no LETRA envolvem experimentos com vários tradutores que produzem textos do século 21 (*c.f.* JESUS, no prelo). Assim, em consonância com este critério de compilação de textos mais modernos e de variada autoria no âmbito do laboratório, escolheu-se apenas romances escritos por autores distintos e publicados a partir de 1990.

Os quadros das páginas seguintes fornecem informações bibliográficas gerais do *corpus* paralelo bilíngue e comparável monolíngue utilizado nesta pesquisa:

QUADRO 7

Dados bibliográficos gerais do *corpus* paralelo bilíngue

Corpora	Título do romance	Sigla	Autor/ Tradutor	Primeira edição	Edição utilizada
Inglês original	<i>The Blind Assassin</i>	BLA	Margaret Atwood	2000	2000
	<i>Atonement</i>	ATO	Ian McEwan	2001	2003
	<i>The Beach</i>	BEA	Alex Garland	1996	1997
	<i>Beasts of No Nation</i>	BNN	Uzodinma Iweala	2005	2005
	<i>Harry Potter and the Chamber of Secrets</i>	HAP	J.K. Rowling	1998	1999
	<i>The Da Vinci Code</i>	DVC	Dan Brown	2003	2009
	<i>Bridget Jones's Diary</i>	BJD	Helen Fielding	1996	2001
	<i>Haroun and the Sea of Stories</i>	HSS	Salman Rushdie	1990	1991
	<i>Tears of the Giraffe</i>	TEG	Alexander McCall Smith	2000	2002
	<i>The Kite Runner</i>	KIR	Khaled Hosseini	2003	2005
Português traduzido	<i>O Assassino Cego</i>	ASS	Léa Viveiros de Castro	2000	2001
	<i>Reparação</i>	REP	Paulo Henriques Britto	2002	2008
	<i>A Praia</i>	PRA	Paulo Reis	1996	1999
	<i>Feras de Lugar Nenhum</i>	FLN	Christina Baum	2005	2006
	<i>Harry Potter e a Câmara Secreta</i>	HPC	Lia Wyler	1998	2000
	<i>O Código da Vinci</i>	CDV	Celina Cavalcanti Falck-Cook	2004	2004
	<i>O Diário de Bridget Jones</i>	DBJ	Beatriz Horta	1996	2008
	<i>Haroun e o Mar de Histórias</i>	HMH	Isa Mara Lando	1990	1991
	<i>As Lágrimas da Girafa</i>	LAG	Carlos Sussekind	2000	2003
	<i>O Caçador de Pipas</i>	CAP	Maria Helena Rouanet	2003	2005

QUADRO 8

Dados bibliográficos gerais do *corpus* comparável monolíngue

Corpora	Título do romance	Sigla	Autor/ Tradutor	Primeira edição	Edição utilizada
Português traduzido	<i>O Assassino Cego</i>	ASS	Léa Viveiros de Castro	2000	2001
	<i>Reparação</i>	REP	Paulo Henriques Britto	2002	2008
	<i>A Praia</i>	PRA	Paulo Reis	1996	1999
	<i>Feras de Lugar Nenhum</i>	FLN	Christina Baum	2005	2006
	<i>Harry Potter e a Câmara Secreta</i>	HPC	Lia Wyler	1998	2000
	<i>O Código da Vinci</i>	CDV	Celina Cavalcanti Falck-Cook	2004	2004
	<i>O Diário de Bridget Jones</i>	DBJ	Beatriz Horta	1996	2008
	<i>Haroun e o Mar de Histórias</i>	HMH	Isa Mara Lando	1990	1991
	<i>As Lágrimas da Girafa</i>	LAG	Carlos Sussekind	2000	2003
	<i>O Caçador de Pipas</i>	CAP	Maria Helena Rouanet	2003	2005
Português original	<i>Onze Minutos</i>	ONM	Paulo Coelho	2003	2003
	<i>Elogio da Mentira</i>	ELM	Patrícia Melo	1998	2002
	<i>Budapeste</i>	BUD	Chico Buarque	2003	2003
	<i>O Clube dos Anjos</i>	CLA	Luis Fernando Veríssimo	1998	1998
	<i>O Silêncio da Chuva</i>	SIC	Luiz Alfredo Garcia-Roza	1996	1996
	<i>O Xangô de Bakerstreet</i>	XAB	Jô Soares	1995	1995
	<i>Dois Irmãos</i>	DOI	Milton Hatoum	2000	2000
	<i>Ponciá Vicêncio</i>	POV	Conceição Evaristo	2003	2005
	<i>Nove Noites</i>	NON	Bernardo Carvalho	2002	2002
	<i>Onde Andará Dulce Veiga?</i>	OAD	Caio Fernando Abreu	1990	2007

A amostra³⁹ foi realizada aleatoriamente da seguinte forma: digitou-se em uma célula do programa *Microsoft Excel* © a fórmula =*randbetween* (*número da primeira página de cada romance original; número da última página de cada romance original*). Excluiu-se deste escopo a capa, a contracapa e as páginas contendo informações sobre a obra e/ou possíveis referências bibliográficas. Posteriormente, este recurso computacional selecionou aleatoriamente uma página dentro deste escopo. A partir desta página selecionada, contou-se aproximadamente 3000 palavras correntes e certificou-se de que apenas excertos contendo parágrafos inteiros fossem selecionados. Cabe lembrar que a seleção aleatória com a fórmula =*randbetween* foi realizada apenas nos romances originais em inglês e português, sendo que os excertos dos romances traduzidos para o português correspondem àqueles aleatoriamente selecionados por esta fórmula nos romances originais em inglês.

A identificação de cada texto do *corpus* compreendeu um cabeçalho (*header*) contendo informações de cada obra analisada na seguinte sequência: autor, título, cidade de publicação, editora, ano de publicação, ano da primeira edição, status do texto (original ou tradução), título do original ou tradução do texto paralelo, registro (ficção), tipo de ficção (romance), nome do arquivo (contendo a língua e o status do texto (EO para inglês original e PT para português traduzido)⁴⁰, o registro e o número do texto, número de palavras (*tokens*) do texto, tipo de amostra (parcial ou integral), língua, país de publicação e ISBN. Para as traduções, acrescentaram-se as categorias *tradutor* e *direção da tradução* (EO_PT).

O seguinte quadro apresenta um exemplo do cabeçalho de dois textos paralelos do *corpus*:

³⁹ Entende-se por amostra a escolha (aleatória ou não) de um subconjunto de elementos pertencentes a uma população.

⁴⁰ Estas siglas foram utilizadas para identificar os dois *corpora* básicos que compõe o *corpus* paralelo desta pesquisa. Ainda, utilizou-se a sigla PO para identificar os textos em português original.

QUADRO 9

Cabeçalhos dos romances *Blind Assassin* e *Assassino Cego*

<ATWOOD, Margaret Eleanor. The blind assassin. Nova Iorque : Anchor Books, 2000. 1ed. 2000. Chapter 3 -pgs. 37 - 45. Original. O assassino cego. Ficção. Romance. EO_FICTION_K001. 3006. Parcial. Inglês. Estados Unidos. ISBN: 0-385-72084-X>	<ATWOOD, Margaret Eleanor. O assassino Cego. Trad. Léa Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 2001. 1ed. 2000. Capítulo 3 -pgs. 45 - 52. Tradução. EO_PT. The Blind Assassin. Ficção. Romance. PT_FICTION_K001. 3.168. Parcial. Português brasileiro. Brasil. ISBN: 85-325-1327-1>
Chapter 3	
The presentation	A cerimônia
This morning I woke with a feeling of dread. I was unable at First to place it, but then I remembered...	Esta manhã acordei com uma sensação de terror. A princípio não consegui localizá-la, mas então me lembrei...

Vale ressaltar que os textos do *corpus* paralelo foram alinhados manualmente conforme o quadro acima, sendo utilizado espaçamento duplo para separar e emparelhar cada parágrafo no texto original com o correspondente parágrafo no texto traduzido.

O próximo quadro apresenta um exemplo de cabeçalho de um romance original em português brasileiro:

QUADRO 10

Cabeçalho do romance *Budapest*

<BUARQUE, Chico. Budapest. São Paulo: Companhia das Letas, 2003. 1ed. 2003. Trecho do capítulo 'Havia Nevascas' - pgs. 82 - 93. Original. Budapest. Ficção. Romance. PO_FICTION_K003. 3.009. Parcial. Português brasileiro. Brasil. ISBN: 85-359-0417-4>
Cá, erre, a, bê, bê, é, soletrei, estendendo a agenda para a arrumadeira...

2.2 Metodologia de análise

Os procedimentos metodológicos da pesquisa de análise de *corpora* se resumem, *a priori*, no levantamento de dados quantitativos através de ferramentas computacionais, investigados *a posteriori* pelo pesquisador de forma qualitativa através

de intervenção manual. Deste modo, será apresentada a seguir a ferramenta básica de extração dos elementos quantitativos – o software *WordSmith Tools*, versão 5.0 -, bem como o discorrimento sobre a forma de anotação manual dos textos.

2.2.1 O software *WordSmith Tools*

O software *WordSmith Tools*© foi desenvolvido por Mike Scott e comercializado pela Oxford University Press a partir de 1996. O programa é composto por ferramentas, utilitários, instrumentos e funções, sendo que nesta pesquisa faço o uso apenas da ferramenta *WordList*, que possibilita o pesquisador levantar os dados preliminares do *corpus* através listas de palavras, tanto em ordem alfabética quanto em ordem de frequência. Esta ferramenta também disponibiliza dados estatísticos sobre o *corpus*, como por exemplo, o número de *types* (isto é, o número de palavras usadas no *corpus* desconsiderando-se a repetição destas), o número de *tokens* (número total de palavras do *corpus*), a razão *type-token*, o tamanho do *corpus* em *bytes* e etc. Neste estudo, o *WordList* foi apenas utilizado na contagem de *tokens* e das conjunções *but* no *corpus* EO e *mas* nos *corpora* PT e PO, conforme exposto na análise de dados do próximo capítulo desta dissertação.

A figura seguinte ilustra o levantamento dos dados quantitativos gerais (incluindo o número de *tokens*) do romance original *Atonement* realizado pelo *WordList*:

WordList						
File	Edit	View	Compute	Settings	Window	Help
N	Overall	1				
text file	Overall	ent.txt				
file size		17,019	17,019			
tokens (running words) in text		3,037	3,037			
tokens used for word list		3,037	3,037			
sum of entries						
types (distinct words)		1,117	1,117			
type/token ratio (TTR)		36.78	36.78			
standardised TTR		47.77	47.77			
standardised TTR std.dev.		39.69	39.69			
standardised TTR basis		1,000	1,000			
mean word length (in characters)		4.40	4.40			
word length std.dev.		2.22	2.22			
sentences		3,229	192			
mean (in words)		15.82	15.82			
std.dev.		3.01	12.36			
paragraphs		1	1			
mean (in words)		037.00	037.00			
std.dev.						
headings		0	0			
mean (in words)						
std.dev.						
sections		1	1			
mean (in words)		037.00	037.00			
std.dev.						
numbers removed		0	0			
stoplist tokens removed		0	0			
stoplist types removed		0	0			
1-letter words		89	89			
2-letter words		434	434			
3-letter words		835	835			
4-letter words		489	489			
5-letter words		368	368			
6-letter words		301	301			

FIGURA 2 – Dados quantitativos gerais do romance original *Atonement* obtidos pelo *WordList*

A figura seguinte ilustra a ocorrência, dentre outras palavras, da conjunção *but* neste mesmo romance:

WordList						
File	Edit	View	Compute	Settings	Window	Help
N	Word	Freq	%	Texts	% emmas	Set
1	THE	193	6.35	1	100.00	
2	AND	115	3.79	1	100.00	
3	OF	94	3.10	1	100.00	
4	SHE	89	2.93	1	100.00	
5	HER	72	2.37	1	100.00	
6	TO	72	2.37	1	100.00	
7	A	69	2.27	1	100.00	
8	WAS	57	1.88	1	100.00	
9	IN	39	1.28	1	100.00	
10	HAD	37	1.22	1	100.00	
11	IT	37	1.22	1	100.00	
12	HE	34	1.12	1	100.00	
13	BE	31	1.02	1	100.00	
14	HIS	30	0.99	1	100.00	
15	WITH	26	0.86	1	100.00	
16	WOULD	26	0.86	1	100.00	
17	THAT	24	0.79	1	100.00	
18	NOT	20	0.66	1	100.00	
19	BUT	18	0.59	1	100.00	
20	FOR	18	0.59	1	100.00	
21	AT	17	0.56	1	100.00	
22	HIM	16	0.53	1	100.00	
23	WERE	16	0.53	1	100.00	
24	AS	14	0.46	1	100.00	
25	BY	14	0.46	1	100.00	
26	ON	14	0.46	1	100.00	
27	AN	13	0.43	1	100.00	
28	NO	12	0.40	1	100.00	
29	THEY	12	0.40	1	100.00	
30	ALL	11	0.36	1	100.00	
31	DOWN	11	0.36	1	100.00	
32	FROM	11	0.36	1	100.00	
33	ONE	11	0.36	1	100.00	

FIGURA 3 – Ocorrência da conjunção *but* no romance original *Atonement* obtida pelo *WordList*

2.2.2 Alinhamento do corpus paralelo

Os textos que compõem o *corpus* paralelo desta pesquisa foram alinhados de forma manual, conforme o quadro 6 na seção 2.1.3. A partir dos parágrafos alinhados, selecionou-se (também manualmente) as orações e complexos oracionais dos textos originais em inglês e traduções ao português brasileiro contendo as conjunções *but* e *mas*, respectivamente. Posteriormente, inseriu-se etiquetas de classificação (apresentadas na seção seguinte) para cada uma destas conjunções.

2.2.3 Anotação do corpus

Uma vez que o foco da pesquisa recai sobre as conjunções *but* e *mas* apenas, a anotação⁴¹ dos textos foram realizadas manualmente. Seguindo os critérios de etiquetamento⁴² para conjunções baseados no *tagset* Susanne⁴³ (SAMPSON, 1995) (cujas conjunções coordenadas são identificadas pela etiqueta <CC>), acrescentou-se as letras E e I para a diferenciação entre elas, criando-se assim as etiquetas <CCE> e <CCI> para as relações externas e internas, respectivamente.

Como já exposto no capítulo de revisão teórica, a tônica desta pesquisa recai sobre as conjunções internas. Assim sendo, apenas a etiqueta <CCE> foi utilizada para anotar as conjunções de natureza externa.

⁴¹ Entende-se por anotação “o processo de adicionar informações ao corpus (...) para interpretação linguística do mesmo”. (HUNSTON apud JESUS, 2004, p. 62)

⁴² Entende-se por etiquetamento a “classificação das palavras do *corpus*, segundo a classe (verbo, substantivo, por exemplo)” (HUNSTON apud JESUS, 2004, p. 63). Esta identificação é inserida entre os parênteses angulares < e >.

⁴³ Este *tagset*, elaborado para etiquetação de *corpora* de língua inglesa, é utilizado no *corpus* CroCo.

No que tange às relações internas, estas receberam as letras T e I (<CCIT> e <CCII>) para diferenciação entre os aspectos textual e interpessoal, respectivamente.

O seguinte quadro apresenta, com um maior nível de delicadeza, todas as etiquetas utilizadas para classificar as conjunções *but* e *mas* de acordo com categorias das conjunções internas textuais propostas por Martin e Rose (2003) e das conjunções internas interpessoais propostas por Thompson (2005) (ambas discutidas no capítulo de revisão teórica).

QUADRO 11

Categorias textuais e interpessoais das conjunções *but* e *mas* e correspondentes etiquetas de anotação

Categoria Geral	Categorias específicas textuais e interpessoais (c.f MARTIN; ROSE, 2003 e THOMPSON, 2005)		Etiqueta
Adição	desenvolvimento	aditivo	<CCITADA>
		alternativo	<CCITADAL>
	preparação	enquadrar	<CCITAPE>
		desviar	<CCITAPD>
Comparação	similar	comparar	<CCITCSC>
		reelaborar	<CCITCSR>
		ajustar	<CCITCSA>
		expectativa-afirmação	<CCIICSEA>
	diferente	contrastar	<CCITCDC>
		retratar	<CCITCDR>
negação - contraposição		<CCIICDNC>	
Tempo	sucessivo	ordenação	<CCITTSO>
		término	<CCITTST>
	simultâneo	adjacente	<CCITTSA>
		interrompido	<CCITTSI>
Consequência	conclusão	concluir	<CCITCCC>
		justificar	<CCITCCJ>
		situação-avaliação	<CCIICCSA>
	contraposição	dispensar	<CCITCCD>
		conceder	<CCITCCD>
		inesperado	<CCITCCI>

	concessão-asserção	<CCIICCA>
	conclusão-base	<CCIICCB>
	ação-base	<CCIICAB>
	condição-conclusão	<CCIICCC>
	condição-resposta	<CCIICCR>

Como previamente mencionado, a anotação destas 26 categorias foi realizada de forma manual, uma vez que até o presente momento os programas que identificam a função semântica de determinado item linguístico sob uma ótica sistêmico-funcional se encontram em constante aprimoramento, não sendo ainda inteiramente automáticos.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

3.1 *Objetivos da análise*

Conforme mencionado ao longo desta dissertação, buscou-se neste estudo promover uma separação, de acordo com o seu caráter externo (ideacional) e interno (textual e interpessoal), entre a conjunção *but* no *corpus* composto por textos em inglês original e *mas* no *corpus* de textos em português traduzido e português original. Mais precisamente, objetivou-se averiguar em que medida tais conjunções possuem o potencial de estabelecer relações internas textuais baseadas nas categorias sugeridas por Martin e Rose (2003) e internas interpessoais de acordo com as variáveis propostas por Thompson (2005).

Considerou-se *but* e *mas* como ideacional quando estas veicularam uma concessão/adversidade entre o conteúdo explícito das orações (como aponta Halliday e Hasan (1976, p. 240)). No que concerne à categoria textual, estas foram classificadas como tal quando, em um menor nível, marcaram uma adversidade entre orações e sobremaneira adicionaram, compararam, ordenaram e/ou concluíram/contrapuseram argumentos como forma de organização do fluxo discursivo do texto (como apontam os quadros 3 e 4 da revisão teórica). Por fim, estas conjunções tiveram significado interpessoal ao explicitarem uma comparação e/ou conclusão/contraposição - em detrimento de um contraste entre orações - como artifício utilizado pelo falante para apresentar sua opinião e guiar as decisões do seu interlocutor (conforme quadros 5 e 6 da revisão da literatura).

Inicia-se assim esta análise com um levantamento de dados quantitativos gerais dos *corpora*, apresentados na seção seguinte.

3.2 Tamanho do corpus e ocorrência de *but* e *mas*

Como já exposto no capítulo de metodologia, o *corpus* desta pesquisa conta com 90.998 *tokens*, assim contabilizado pela ferramenta *WordList* do software *WordSmith Tools* ©:

TABELA 1
Número de *tokens* dos *corpora* analisados

EO		PT		PO	
Romance	<i>Tokens</i>	Romance	<i>Tokens</i>	Romance	<i>Tokens</i>
<i>The Blind Assassin</i>	3.006	<i>O Assassino Cego</i>	3.168	<i>Onze Minutos</i>	3.023
<i>Atonement</i>	3.037	<i>Reparação</i>	3.061	<i>Elogio da Mentira</i>	3.005
<i>The Beach</i>	3.001	<i>A Praia</i>	3.239	<i>Budapeste</i>	3.009
<i>Beasts of No Nation</i>	3.001	<i>Feras de Lugar Nenhum</i>	2.359	<i>O Clube dos Anjos</i>	3.003
<i>Harry Potter and the Chamber of Secrets</i>	3.014	<i>Harry Potter e a Câmara Secreta</i>	3.135	<i>O Silêncio da Chuva</i>	3.009
<i>The Da Vinci Code</i>	3.011	<i>O Código da Vinci</i>	3.279	<i>O Xangô de Bakerstreet</i>	3.005
<i>Bridget Jones's Diary</i>	3.015	<i>O Diário de Bridget Jones</i>	3.092	<i>Dois Irmãos</i>	3.009
<i>Haroun and the Sea of Stories</i>	3.019	<i>Haroun e o Mar de Histórias</i>	3.164	<i>Ponciá Vicêncio</i>	3.000
<i>Tears of the Giraffe</i>	3.000	<i>As Lágrimas da Girafa</i>	3.059	<i>Nove Noites</i>	3.002
<i>The Kite Runner</i>	3.008	<i>O Caçador de Pipas</i>	3.260	<i>Onde Andará Dulce Veiga?</i>	3.005
Total*	30.112		30.816		30.070

Conforme apontado no capítulo de metodologia, foram selecionadas aproximadamente 3.000 palavras de cada romance original (em inglês e português

* Em termos estatísticos, não há diferenças significativas entre o número de *tokens* de cada *corpus*, considerando-se a frequência relativa entre estes números.

brasileiro). A partir dos textos originais em inglês, foram selecionados os excertos correspondentes às respectivas traduções ao português.

Como mostra a tabela, o número de *tokens* nos romances do *corpus* PT se mostrou superior ao número de *tokens* dos *corpora* EO e PO, com exceção de apenas um romance. Tais números corroboram a hipótese de que os textos traduzidos são, via de regra, mais extensos que os textos originais possivelmente em virtude de explicitações, isto é, da exposição (pelo tradutor) de informações no texto alvo implícitas no texto fonte devido a um novo contexto de situação (*cf.* VINAY; DARBELNET, 1958; KAMENICKÁ, 2007).

A ocorrência da conjunção *but*⁴⁴ no *corpus* EO e *mas* nos *corpora* PT e PO, também obtida pela ferramenta *WordList*, é apresentada na seguinte tabela:

⁴⁴ Cabe aqui lembrar que não foram consideradas as ocorrências de *but* como preposição, cuja função é a de conectar dois grupos nominais em uma relação de exclusão, como na oração *Sammy and I stayed on the porch until we were too stoned to do anything but sit in silence (...)* retirada do romance *The Beach*.

TABELA 2

Ocorrência da conjunção BUT no EO e MAS no PT e PO

<i>Corpora</i>					
EO		PT		PO	
Romance	Ocorrência de BUT	Romance	Ocorrência de MAS	Romance	Ocorrência de MAS
<i>The Blind Assassin</i>	18	<i>O Assassino Cego</i>	19	<i>Onze Minutos</i>	16
<i>Atonement</i>	18	<i>Reparação</i>	15	<i>Elogio da Mentira</i>	11
<i>The Beach</i>	13	<i>A Praia</i>	14	<i>Budapeste</i>	9
<i>Beasts of No Nation</i>	26	<i>Feras de Lugar Nenhum</i>	25	<i>O Clube dos Anjos</i>	11
<i>Harry Potter and the Chamber of Secrets</i>	18	<i>Harry Potter e a Câmara Secreta</i>	20	<i>O Silêncio da Chuva</i>	9
<i>The Da Vinci Code</i>	7	<i>O Código da Vinci</i>	8	<i>O Xangô de Bakerstreet</i>	6
<i>Bridget Jones's Diary</i>	16	<i>O Diário de Bridget Jones</i>	19	<i>Dois Irmãos</i>	14
<i>Haroun and the Sea of Stories</i>	28	<i>Haroun e o Mar de Histórias</i>	31	<i>Ponciá Vicêncio</i>	12
<i>Tears of the Giraffe</i>	18	<i>As Lágrimas da Girafa</i>	20	<i>Nove Noites</i>	14
<i>The Kite Runner</i>	7	<i>O Caçador de Pipas</i>	10	<i>Onde Andará Dulce Veiga?</i>	10
Total*	169		181		112

A tabela acima apresenta um número superior de conjunções *mas* no *corpus* PT em relação a conjunção *but* no *corpus* EO (181 para 169), o que indica que não houve uma relação de tradução direta entre todas as ocorrências destas conjunções nestes dois *corpora*.

* Em termos estatísticos, não há diferenças significativas entre a frequência relativa das conjunções em cada um dos três *corpora*, considerando-se o número de *tokens* de cada um deles.

3.3 But no EO e mas no PT

Conforme apontado na seção anterior, algumas instâncias da conjunção *but* no *corpus* EO não possuem uma correspondência direta com a conjunção *mas* no *corpus* PT. Isto se deve ao fato destas instâncias terem sido traduzidas por outras marcas coesivas diferente de *mas* ou não possuírem quaisquer conjunções correspondentes nos textos traduzidos.

A tabela e o gráfico seguintes demonstram os quantitativos desta relação:

TABELA 3

Relações de tradução de BUT no corpus EO – PT

Categoria	Ocorrência
BUT no EO traduzido por MAS no PT	155
BUT no EO traduzido por outra marca coesiva diferente de MAS no PT	10
BUT no EO sem qualquer marca coesiva correspondente no PT	4
Total	169

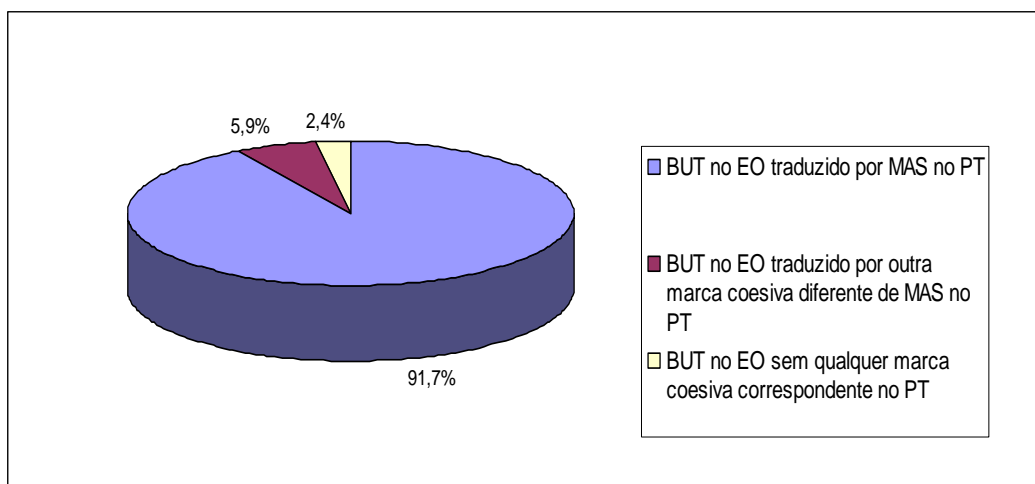


Gráfico 1 – Relações de tradução de BUT no corpus EO – PT

Para ilustrar cada uma destas relações, apresento os seguintes exemplos retirados do *corpus* paralelo⁴⁵:

BLA - This morning I woke with a feeling of dread. I was unable at first to place it, **but** then I remembered. Today was the day of the ceremony.

ASS - Esta manhã acordei com uma sensação de terror. A princípio não consegui localizá-la, **mas** então me lembrei. Hoje era o dia da cerimônia.

ATO - How quickly the story was over. Not massive and empty at all, **but** headlong.

REP - Como a historia terminava depressa! Não era imensa, nem vazia, e sim precipitada.

HSS - 'Then is the Moon, Kahani, driven by mechanical means?' Haroun asked, **but** Butt had turned its attention to practical matters.

HMH - -- Então quer dizer que essa Lua Kahani se move por meios mecânicos? -- perguntou Haroun; **porém** MasMas [*sic*] já tinha desviado sua atenção para assuntos mais práticos.

BNN - I am wanting to dance, **but** is my body even remembering how? I don't think so.

FLN - Fico com vontade de dançar, será que meu corpo ainda se lembra como a gente dança? Acho que não.

TEG - The householder laughed. "I thought it might be somebody else, and I quickly got dressed up. **But** I need not have bothered!"

LAG - A dona da casa deu uma risada. "Pensei que pudesse ser outra pessoa e fui me vestir às pressas. Não era o caso!"

Instâncias da conjunção *mas* no *corpus* PT também corresponderam a uma tradução de marcas coesivas diferentes de *but* ou não figuraram como tradução de quaisquer conjunções correspondentes no *corpus* EO. A tabela e gráfico apresentados a seguir quantificam tais instâncias:

TABELA 4

Relações de tradução de MAS no corpus PT – EO	
Categoria	Ocorrência
MAS no PT como tradução de BUT no EO	155
MAS no PT como tradução de outra marca coesiva diferente de BUT no EO	16
MAS no PT sem qualquer marca coesiva correspondente no EO	10
Total	181

⁴⁵ Os grifos das relações conjuntivas são meus.

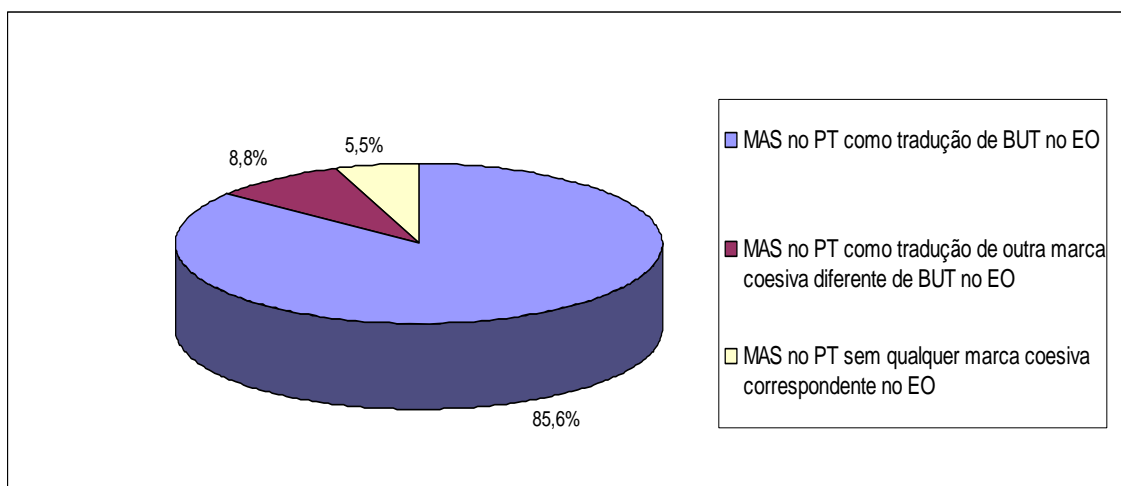


Gráfico 2 – Relações de tradução de MAS no corpus PT – EO

Abaixo encontram-se exemplos que ilustram a conjunção *mas* no *corpus* PT como tradução de marca coesiva diferente de *but* e sem qualquer relação conjuntiva no *corpus* EO:

BEA - On a calm day you could skim them over the sea like flat pebbles, **although** if you chucked them too hard they tended to explode.

PRA - Num dia de mar calmo dava para fazê-las quicar na superfície feito uma pedra chata, **mas** se você jogasse com muita força elas tendiam a explodir.

HAP - "The Mandrake forms an essential part of most antidotes. It is also, **however**, dangerous. Who can tell me why?"

HPC- -- A mandrágora é parte essencial da maioria dos antídotos. **Mas**, é também perigosa. Quem sabe me dizer o porquê?

DVC - Langdon's eyes followed to the structure ahead.
'What in the world?'

CDV - Os olhos de Langdon seguiram na direção indicada, para o prédio em frente...
-- **Mas** que diabos...

HSS - He began to focus his thoughts . . .
He couldn't do it.

HMH - Começou a focalizar seus pensamentos...
Mas não conseguia.

Os exemplos acima demonstram que há distintas realizações léxico-gramaticais entre texto fonte e texto alvo, sendo que a construção de significado pela conjunção *mas* (em virtude da ausência de qualquer relação conjuntiva nos textos em inglês) fica mais

evidenciada nas duas últimas instâncias. Isto revela potenciais semânticos desta conjunção no sistema linguístico do português brasileiro.

Ambas as tabelas e gráficos apresentados nesta seção atestam que, proporcionalmente e em ordem decrescente, i) as conjunções *but* e *mas* se encontram em relação direta de tradução nos dois *corpora*, ii) estas conjunções possuem uma correspondência direta com outras marcas coesivas nos textos alvo e fonte e iii) estas marcas coesivas não possuem instâncias conjuntivas correspondentes nos textos alvo e/ou fonte. No que tange a estas duas últimas relações, nenhum padrão de ocorrência de categorias internas e externas (conforme literatura revisada) pode ser estabelecido.

Averigua-se, na próxima seção, sobre a existência de padrões de ocorrência de *but* e *mas* no *corpus* paralelo e *mas* no *corpus* PO.

3.4 *But* e *mas* externo e interno nos corpora

A conjunção *but* no *corpus* EO e a conjunção *mas* nos *corpora* PT e PO classificadas e quantificadas como externas e internas estão apresentadas na seguinte tabela e gráfico:

TABELA 5

Ocorrência de BUT externo e interno no *corpus* EO e MAS externo e interno nos *corpora* PT e PO

Categoria	BUT no EO	MAS no PT	MAS no PO
Externo	70	75	38
Interno	99	106	74
Total	169	181	112

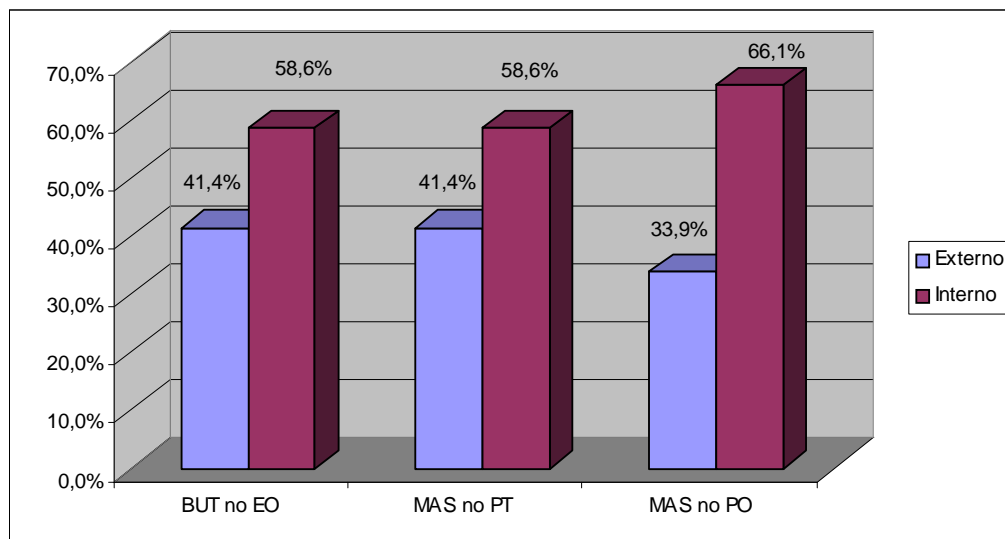


Gráfico 3 – Ocorrência de BUT externo e interno no *corpus* EO e MAS externo e interno nos *corpora* PT e PO

Nota-se que o número de conjunções *but* externas e internas no *corpus* EO se aproxima do número de conjunções *mas* externas e internas no *corpus* PT. Isto pode ser atribuído aos recursos que o sistema linguístico do português brasileiro possui e que possibilitam escolhas semânticas semelhantes aos recursos do sistema linguístico do inglês, permitindo a (re)construção de significado através da tradução de instâncias presentes em textos “em particular em um contexto de situação específico” (CAFFAREL ET AL., 2004, p. 38).

Apresento abaixo três exemplos de conjunções externas no *corpus* paralelo em relação direta:

ATO -Surely these shapeless pastels and orthopedic shoes belong on someone else. **But** <CCE> they're mine; worse, they suit me now.

REP - Com certeza estes disformes tons pastel e estes sapatos ortopédicos pertencem à outra pessoa. **Mas** <CCE>eles são meus; e o que é pior, combinam comigo agora.

HSS - It was not dead **but** <CCE>alive.

HMH - Não era um lugar morto, **mas** <CCE> sim cheio de vida.

KIR - I opened my mouth and almost told her how I'd betrayed Hassan, lied, driven him out, and destroyed a forty-year relationship between Baba and Ali. **But** <CCE>I didn't.

CAP - Abri a boca e quase lhe contei como tinha traído Hassan, mentido, mandado ele embora e destruído a relação de quarenta anos que existia entre baba e Ali. **Mas** <CCE> não disse nada.

Tanto a conjunção *but* no inglês quanto *mas* no português brasileiro nas instâncias acima veiculam uma adversidade e/ou concessão entre dois eventos. O primeiro e o segundo exemplo relacionam uma oposição entre duas proposições. Já o terceiro exemplo demonstra uma quebra na expectativa de uma proposição por outra.

Quanto às conjunções internas, três exemplos do *corpus* paralelo em relação direta de tradução são apresentados abaixo:

ATO - If she had resentments of her own, Emily sympathized. It was to be expected. **But** <CCI> to express them was undignified.

REP - Emily compreendia perfeitamente que a menina tivesse seus ressentimentos; era de esperar. **Mas** <CCI> manifestá-los era falta de dignidade.

BNN - Then he is just licking his finger clean off all the blood and the dust **but** <CCI> making sure to not be touching any of the sore that is on his lip.

FLN - Depois lambe o próprio pé tentando limpar o sangue e a poeira, **mas** <CCI> com cuidado para não encostar nas feridas em seus lábios.

DVC - I could not lift that much cash, Aringarosa thought, closing the case. "Bonds are negotiable as cash. You said so yourself." The cardinals exchanged uneasy looks, and finally one said, "Yes, **but** <CCI> these bonds are traceable directly to the Vatican Bank."

CDV - Não seria capaz de carregar tanto dinheiro assim, pensou Aringarosa, fechando a maleta.

-- As obrigações têm liquidez garantida, foi o senhor mesmo que disse.

Os cardeais trocaram olhares inquietos, e por fim um deles disse:

-- Sim, **mas** <CCI> pode-se comprovar que o emissor das obrigações é o Banco do Vaticano.

No primeiro e no segundo exemplos, as conjunções *but* e *mas* não estabelecem uma relação adversativa direta entre os conteúdos dos eventos descritos nas duas orações, mas possuem a função de adicionar uma informação à proposição anterior (ainda que a relação de adversidade esteja presente). Deste modo, estas conjunções possuem uma natureza eminentemente textual. Já a terceira instância, ainda que possua certo aspecto adversativo, tem como principal função relacionar uma concessão de um

falante a um argumento do seu interlocutor e uma posterior problematização deste argumento feita pelo próprio falante (possuindo assim caráter interpessoal).

Assim como no *corpus* PT, o número de conjunções *mas* internas largamente superou o número de conjunções externas no *corpus* PO. Ainda assim, os números demonstram que há um padrão similar de ocorrência destas duas categorias nos três *corpora*, indicando que as construções semânticas de ordem interna superam as de ordem externa tanto para *but* quanto para *mas*.

A seguir se encontram dois exemplos de *mas* externo e interno no *corpus* PO:

ONM - Quem era ele? Ele mencionaria os tempos de colégio. Ela diria, “Ah...! acho que me lembro”, **mas** <CCE> fazendo uma cara de quem não se lembrava.

DOI - Ele queria manter esse segredo, **mas** <CCE> Omar acabou sabendo.

SIC - Sinto muito -- disse Espinosa --, **mas** <CCI> alguém terá que fazer o reconhecimento do corpo no Instituto Médico Legal.

NON - Tudo o que eu tocava também ficava vermelho: o livro que estava lendo, a bermuda, a mochila, o chapéu. O toque do urucum. **Mas** <CCI> isso não era nada se comparado à tintura de jenipapo a que seria submetido no dia seguinte.

Nos dois primeiros exemplos, a conjunção *mas* veicula duas ideias que estão em relação de contrariedade entre si, uma vez que a conjunção apresenta um fato inesperado que vai de encontro às expectativas dos falantes no que tange ao *se lembrar* e ao *manter em segredo*. Já o *mas* do terceiro exemplo sofre certa redução de significado no nível experiencial, uma vez que sua função basicamente é a de conectar uma concessão do falante a determinada ideia (a de *sentir muito* (que introduz um argumento)) e uma posterior exposição deste argumento. Neste exemplo, há claramente uma marca selada pelo falante na interação com seu interlocutor. Por fim, a conjunção no último exemplo possui uma função textual ao comparar duas proposições (o *tocar com urucum* e o *tocar com jenipapo*).

Uma vez expostos exemplos de ocorrência dos aspectos externos e internos de *but* e *mas* nos três *corpora*, dedico-me a seguir a uma análise tridimensional destas conjunções.

3.5 *But e mas ideacional, textual e interpessoal*

Considerando-se as três metafunções hallidayanas da linguagem (ideacional, textual e interpessoal) inscritas no sistema de conjunção (conforme exposto na revisão teórica), a tabela e gráfico a seguir demonstram estas categorias no que tange a ocorrência de *but* no *corpus* EO e *mas* nos *corpora* PT e PO:

TABELA 6

Ocorrência das três categorias metafuncionais para BUT no *corpus* EO e MAS nos *corpora* PT e PO

Categoria	BUT no EO	MAS no PT	MAS no PO
Ideacional	70	75	38
Textual	60	64	38
Interpessoal	39	42	36
Total	169	181	112

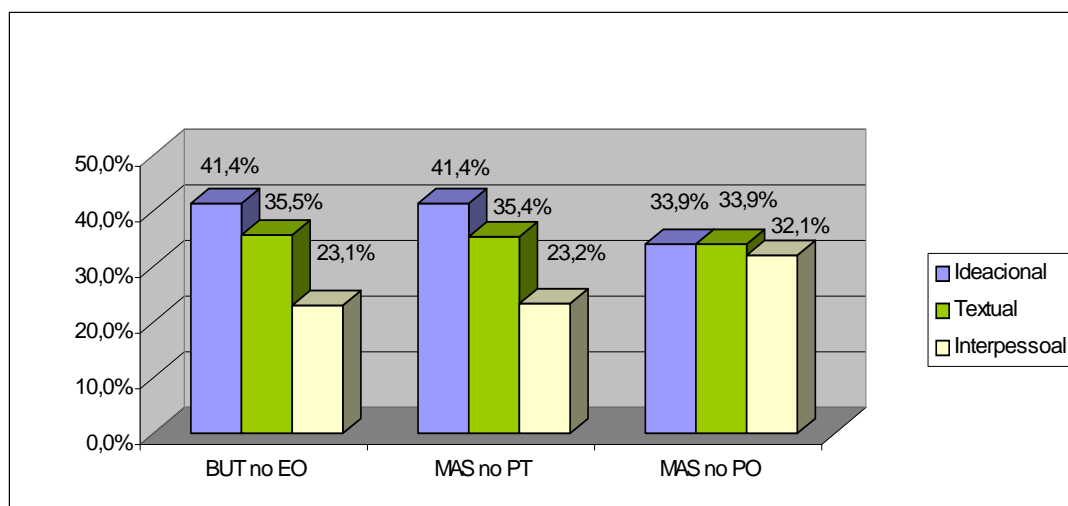


Gráfico 4 – Ocorrência das três categorias metafuncionais para BUT no *corpus* EO e MAS nos *corpora* PT e PO

Os números da tabela e do gráfico mostram que os padrões de ocorrência das três categorias para *but* no EO e *mas* no PT são sobretudo similares, dada a relação direta de tradução e a conseqüente correlação de construção de significado entre textos fonte e textos alvo. Nota-se, nestes dois *corpora*, que o número de conjunções ideacionais supera o número de conjunções textuais, que por sua vez consideravelmente ultrapassa o número de conjunções interpessoais.

Já no *corpus* PO, o número de ocorrências de cada uma das três categorias se aproxima estreitamente, sendo que estas estão praticamente em igual proporção de ocorrência.

No *corpus* como um todo, a ocorrência das categorias metafuncionais para *but* e *mas* estão divididas conforme gráfico a seguir:

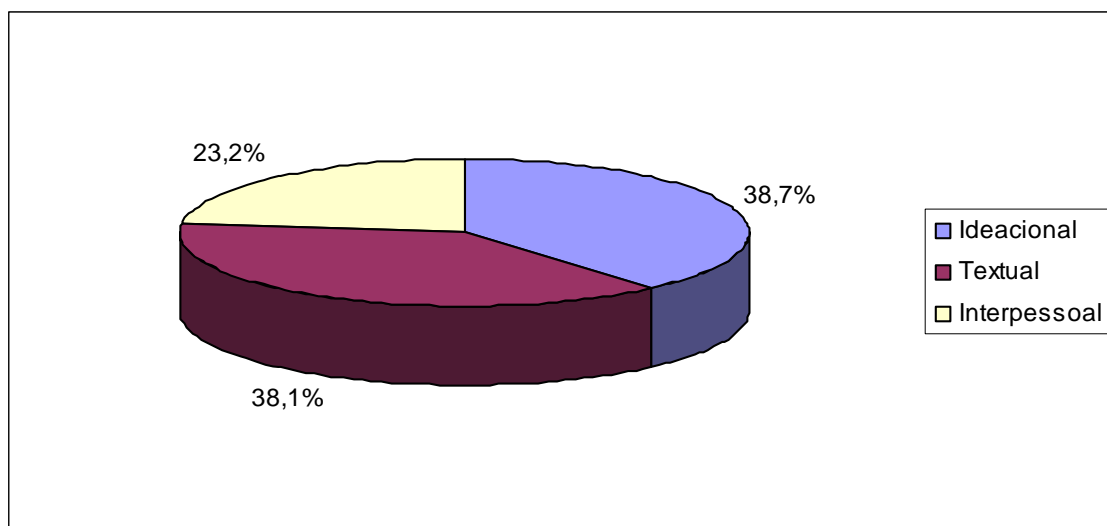


Gráfico 5 - Ocorrência de cada categoria metafuncional para BUT e MAS nos três corpora

Percebe-se que as conjunções ideacionais ocorrem em quase igual proporção às conjunções textuais. Isto sugere que, em textos ficcionais, ambos *but* em inglês original e *mas* em português original e traduzido possuem o largo potencial de construir uma relação de adversidade entre eventos no mundo, além de estabelecer relações que

largamente veiculam os “passos da lógica interna do texto” (MARTIN; ROSE, 2003, p. 125).

Ainda que em menor proporção, estas mesmas conjunções possuem considerável potencial de “influenciar e/ou guiar as reações do ouvinte ao que está sendo dito” (THOMPSON, 2005, p. 77) no registro ficção, uma vez que geralmente há negociação de argumentos entre os personagens.

A seguir se encontra um exemplo de cada categoria metafuncional⁴⁶ para *but* e *mas* no *corpus* paralelo em relação direta⁴⁷:

BEA – ‘Wrong, dude! It isn't short for anything! I was christened Zeph, and everyone thinks it's short for Zephaniah, **but** <CCE> it isn't! Cool, huh?’

PRA - - Errado, xará! Não é abreviatura de nada! Eu fui batizado como Sof, e todo mundo pensa que é abreviatura de Sofonias, **mas** <CCE> não é! Um barato, né?

DVC - The equal-armed cruciform was symbolic of balance and harmony **but** <CCIT> also of the Knights Templar.

CDV - O crucifixo de braços iguais simbolizava o equilíbrio e a harmonia, **mas** <CCIT> também era o símbolo dos Cavaleiros Templários.

TEG - Mma Potsane sighed. “There was a drought, yes. **But** <CCII> there's always a drought, isn't there?”

LAG - Mma Potsane suspirou. “Deixou de chover, realmente. **Mas** <CCII> isso acontece sempre, não é mesmo?”

No primeiro exemplo, as conjunções *but* e *mas* marcam uma contraposição no nível ideacional entre *ser* e *não ser uma abreviatura*. No segundo, estas conjunções adicionam uma proposição (o crucifixo como símbolo dos Cavaleiros Templários) ao complexo oracional e no terceiro tais marcas coesivas apenas intermediam um reconhecimento (a uma proposição) e a introdução de um novo argumento, sendo assim uma estratégia discursiva na interação entre falante e ouvinte.

A seguir se encontram três instâncias de *mas* ideacional, textual e interpessoal no *corpus* PO:

⁴⁶ Cabe aqui lembrar que as conjunções ideacionais são classificadas como externas e as textuais e interpessoais como internas, conforme previamente indicado nos capítulos de revisão teórica e metodologia.

⁴⁷ As conjunções textuais e interpessoais estão identificadas pelas etiquetas <CCIT> e <CCII>.

ELM - Expliquei, o que já gastara com lactentes, camundongos, veterinário, equipamentos, essa cobra, a rigor, eu disse, a rigor não tem preço, **mas <CCE>** vendo por trezentos dólares.

CLA - Naquele tempo ainda pensávamos que seríamos uma legenda [*sic*], que esta cidade era pouco para o nosso apetite. Filhos da puta, sim, **mas <CCIT>** grandes filhos da puta, príncipes da puta.

XAB - O coronel vai me desculpar, **mas <CCII>** eu tenho a impressão de que o tal negro alcançou a senhora sua mãe.

No primeiro exemplo, há um contraste no nível ideacional entre o *não ter preço* e o *ser vendido por trezentos dólares*. A segunda instância de *mas* prepara um terreno para enfatizar uma proposição já apresentada e a terceira marca coesiva apenas media uma ideia (pedido de desculpas) e uma asserção que a contrapõe.

Uma vez que este estudo se propõe a analisar as conjunções *but* e *mas* internas textuais e interpessoais com um maior nível de delicadeza, exploro a seguir as ocorrências destes dois vieses nos três *corpora*.

3.6 But e mas interno textual

A ocorrência das categorias das conjunções textuais propostas por Martin e Rose (2003) (apresentadas na revisão teórica desta dissertação) nos *corpora* EO, PT e PO está demonstrada na seguinte tabela:

TABELA 7
Ocorrência de BUT e MAS textual por categoria nos três corpora

Categoria	Corpus		
	BUT no EO	MAS no PT	MAS no PO
<CCITADA> (adição/desenvolvimento-aditivo)	9	13	8
<CCITADAL> (adição/desenvolvimento-alternativo)	1	1	0
<CCITAPE> (adição/preparação-enquadrar)	7	6	7
<CCITCSC>(comparação/similar-comparar)	1	0	1
<CCITCDC>(comparação/diferente-contrastar)	2	3	2
<CCITCCC>(consequência/conclusão-concluir)	13	16	0
<CCITCCCJ>(consequência/conclusão-justificar)	9	10	3
<CCITCCD>(consequência/contraposição-dispensar)	1	1	0
<CCITCCI>(consequência/contraposição-inesperado)	17	14	17
Total	60	64	38

Das 18 categorias textuais para as conjunções em geral, 9 ocorreram no *corpus* como um todo para as conjunções *but* e *mas*. Assim, as categorias *adição/preparação-desviar*, *comparação/similar-reelaborar*, *comparação/similar-ajustar*, *comparação/diferente-retratar*, *tempo/sucessivo-ordenação*, *tempo/sucessivo-término*, *tempo/sucessivo-adjacente*, *tempo/sucessivo-interrompido* e *consequência/contraposição-conceder*, que não ocorreram em nenhum dos 3 *corpora*, não foram contempladas como variáveis para o cálculo da porcentagem de ocorrência de cada categoria, conforme os gráficos a seguir:

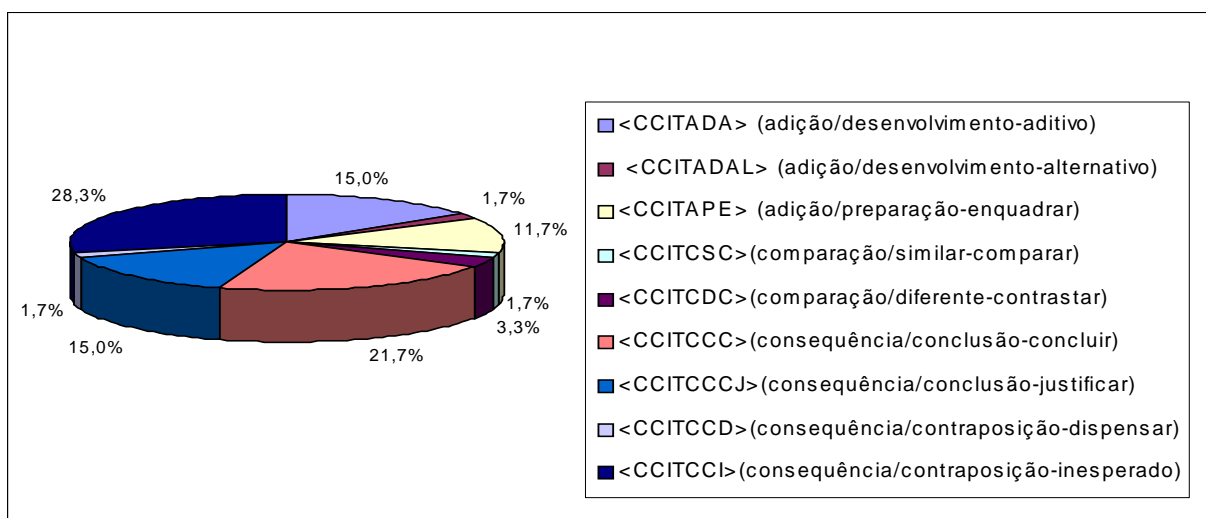


Gráfico 6 - Ocorrência de BUT textual no *corpus* EO por categoria

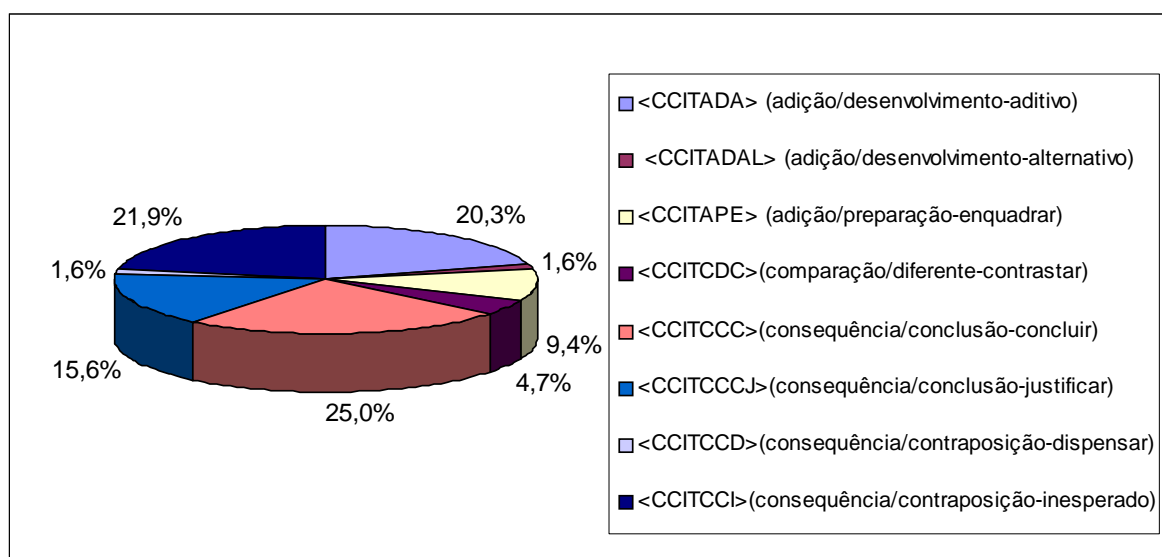


Gráfico 7 - Ocorrência de MAS textual no *corpus* PT por categoria

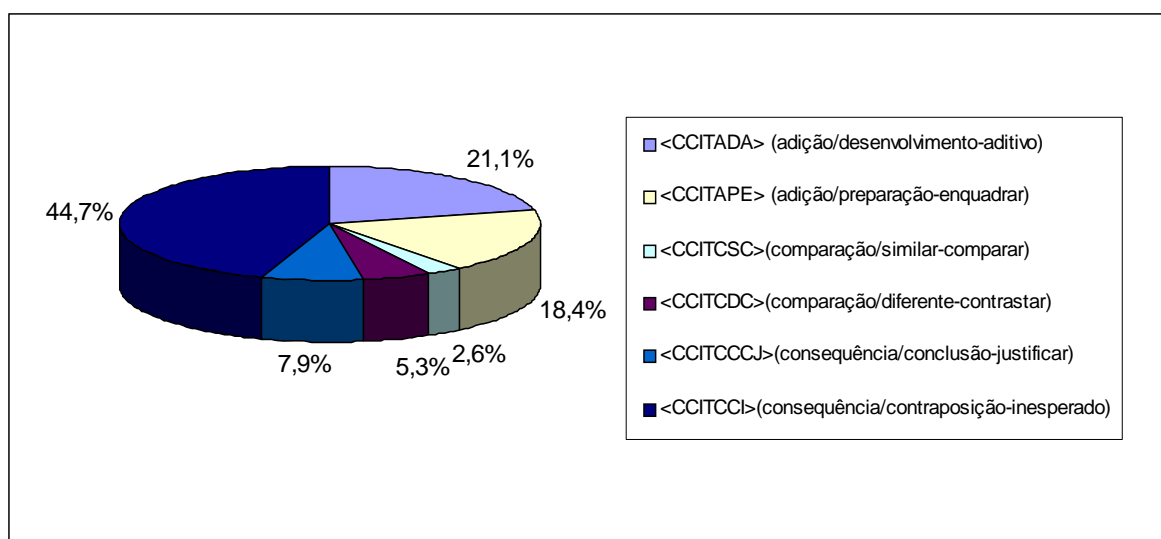


Gráfico 8 - Ocorrência de MAS textual no *corpus* PO por categoria

Percebe-se que nem todas as categorias textuais de Martin e Rose (2003) para as conjunções se aplicaram à *but* e *mas* nos três *corpora*, sendo o *corpus* PO o menor em quantidade destas variáveis.

Considerando-se os *corpora* EO e PT, a ocorrência de *but* e *mas* principalmente correspondeu às categorias *adição/desenvolvimento-aditivo*, *adição/preparação-enquadrar*, *consequência/conclusão-concluir*, *consequência/conclusão-justificar* e *consequência/contraposição-inesperado*, sendo mais proeminente nesta última e na antepenúltima. Os números atestam que, nestes dois *corpora*, a organização textual realizada por estas duas conjunções se fez maiormente de forma a adicionar novos elementos no fluxo discursivo, a concluir um argumento e a contrapor um argumento com outro.

Apresento abaixo dois exemplos de cada uma das 5 categorias mais frequentes presentes nestes dois *corpora* para *but* e *mas* em relação de tradução direta:

adição/desenvolvimento-aditivo

HSS -Variety of Behaviour assists in Evasion of Detection. **But** <CCITADA> also, there are serious purposes for the variation of orbit: Story Water facilities must be provided across the entire planet with an even hand.

HMH - A Variação de Comportamento ajuda a Evasão da Detecção. **Mas** <CCITADA> há também objetivos sérios para a variação da órbita: a Água de Histórias deve ser distribuída pelo planeta inteiro de maneira igualitária.

KIR - We were seated around a table, Soraya and I dressed in green--the color of Islam, **but** <CCITADA> also the color of spring and new beginnings.

CAP - Soraya e eu estávamos sentados em volta da mesa, ambos vestidos de verde -- a cor do islã, **mas** <CCITADA>também a cor da primavera e dos novos começos.

adição/preparação-enquadrar

BEA - I slid the jellyfish into his cupped hands. 'Oooh,' he said, a big grin spreading over his face. '**But** <CCITAPE> you can only touch it with your palms. If you touch it anywhere else it'll sting.'

PRA - Fiz a água-viva deslizar para as mãos dele, que estavam em forma de concha. -- Uuuuh -- disse ele, com um sorriso grande se espalhando pelo rosto. -- **Mas** <CCITAPE> você só pode tocar nela com a palma da mão. Se tocar em qualquer outro ponto, vai arder.

TEG - Mma Ramotswe thought for a moment. She prided herself on her ability to sum people up, **but** <CCITAPE>she wondered whether this was not something that many women had, as part of the intuitive gift.

LAG - Mma Ramotswe refletiu por um momento. Ela se orgulhava de ter uma percepção acurada das pessoas, **mas** <CCITAPE> no fundo se perguntava se isso não seria um dom comum a muitas mulheres, como parte da capacidade intuitiva delas.

consequência/conclusão-concluir

BLA - They barely glanced at me. To them I must have seemed quaint, **but** <CCITCCC> I suppose it's everyone's fate to be reduced to quaintness by those younger than themselves.

ASS - Eles mal olharam para mim. Devem ter me achado uma coisa pitoresca, **mas** <CCITCCC> suponho que o nosso destino seja o de nos tornarmos algo pitoresco aos olhos dos mais jovens.

HAP - "Oh, hello there" he called, beaming around at the assembled students. "Just been showing Professor Sprout the right way to doctor a Whomping Willow! **But** <CCITCCC> I don't want you running away with the idea that I'm better at Herbology than she is!"

HPC - -- Ah, alô pessoal! -- cumprimentou ele, sorrindo para os alunos reunidos. -- Acabei de mostrar à Profª Sprout a maneira certa de cuidar de um salgueiro lutador! **Mas** <CCITCCC> não quero que vocês fiquem com a idéia de que sou melhor do que ela em Herbologia!

consequência/conclusão-justificar

BLA - (There were doubtless a few kind sentiments expressed. I couldn't get through it-not enough of a story for me. **But** <CCITCCCJ> the poor thing was so young. Maybe she'd have done better with some other book, if she'd not been taken.

ASS - (Houve, sem dúvida, a expressão de alguns sentimentos amáveis. Eu não consegui ler tudo - não me pareceu uma boa história. **Mas** <CCITCCCJ> a pobrezinha era tão jovem! Talvez ela tivesse conseguido um resultado melhor com outro livro se não tivesse partido.

HSS - 'How could a second satellite have remained undiscovered for so long?'
'**But but but** <CCITCCCJ> it is because of Speed,' Butt the Hoopoe responded.

HMH - Como é possível que exista um segundo satélite que até hoje não foi descoberto?
-- **Mas mas mas** <CCITCCCJ> é por causa da Velocidade -- respondeu o Gavião-Avião.

consequência/contraposição-inesperado

BJD - I kept saying the words, 'Self-respect' and 'Huh' over and over till I was dizzy, trying to barrage out , '**But** <CCITCCI>I lurrve [sic] him'.

DBJ - Fiquei repetindo as palavras "amor próprio" e "argh" sem parar até ficar tonta, tentando reprimir: "**Mas** <CCITCCI>eu gosto tanto dele."

KIR - They brought in a specialist called a radiation oncologist to talk Baba into getting radiation treatment.
Baba refused.

They tried to talk me into talking him into it.
But <CCITCCI>I'd seen the look on Baba's face.
 CAP - Trouxeram um especialista em radiação oncológica para conversar
 sobre as possibilidades de um tratamento com essa técnica.
 Ele recusou.
 Vieram me pedir que tentasse falar com ele para convencê-lo.
Mas <CCITCCI> vi a expressão que havia em seu rosto.

Os dois primeiros exemplos atestam que as conjunções *but* e *mas* inserem novos argumentos no complexo oracional (*objetivos sérios* e *cor da primavera*). O terceiro e quarto exemplos também adicionam argumentos (*a água-viva na palma das mãos* e *ser um dom comum a muitas mulheres*), porém no sentido de focar a proposição já apresentada na oração anterior (*a água-viva nas mãos em forma de concha* e *ter uma percepção acurada das pessoas*). No quinto e sexto exemplos, ambas as conjunções introduzem uma conclusão estabelecida a partir da oração anterior. No sétimo e oitavo exemplos, a principal função de *but* e *mas* é a de justificar a primeira oração com a segunda, uma vez que ambas se encontram numa relação causa-consequência (*ser jovem* como causa de *não escrever uma boa história* e *velocidade* como causa da *não-descoberta de um segundo satélite*). Por fim, os dois últimos exemplos apresentam uma contraposição a um argumento da primeira oração através da introdução de um novo argumento.

Quanto ao *corpus* PO, observa-se que a conjunção *mas* também concatena elementos do texto conforme as principais categorias da relação *but-mas* no *corpus* paralelo (acima discutidas), com exceção da categoria *consequência/conclusão-concluir*, que não ocorre sequer uma vez nos originais em português brasileiro. Dado que a ocorrência desta categoria é expressiva no *corpus* paralelo, isto pode sugerir que *mas* em textos ficcionais originalmente escritos em português brasileiro dificilmente realiza esta construção de significado. Ainda, a ocorrência da categoria *consequência-conclusão-justificar* neste *corpus* se mostrou baixa em relação ao *corpus* paralelo.

Apresento assim um exemplo das cinco categorias textuais mais frequentes do *corpus* PO:

adição/desenvolvimento-aditivo

CLA - Apertou os dois últimos alhos com as costas do garfo, fazendo espirrar o seu interior cremoso, **mas** <CCITADA> comeu o creme com as cascas.

adição/preparação-enquadrar

ONM - Nunca brigamos seriamente, não tivemos grandes emoções, ele jamais me traiu ou me desrespeitou em público. Vivemos uma vida normal, **mas** <CCITAPE> tão normal, que sem trabalho ele sentiu-se inútil, sem importância, e morreu um ano depois, de câncer.

comparação/diferente-contrastar

POV - Ela que, de vez em quando, pegava o homem-barro entre as mãos e ficava entretida olhando para ele. Se a lembrança do avô não estava lá, era porque a irmã tinha voltado para recolher o que havia deixado para trás. Quem sabe tinha levado a mãe com ela? **Mas** <CCITCDC> ele observou também que a casa, entretanto, não apresentava qualquer vestígio de despedida.

consequência/conclusão-justificar

NON - Fazia-se de desentendido, **mas** <CCITCCCJ> na verdade só queria me intimidar.

consequência/contraposição-inesperado

XAB - Senhor Holmes, sei que aqui roubam de tudo; comida, botas, vestimentas, até cavaquinhos, **mas** <CCITCCI> nunca imaginei que esses iletrados fossem roubar um violino -- declarou o italiano.

No primeiro exemplo, a conjunção *mas* adiciona o processo *comer* aos processos *apertar* e *fazer espirrar* nas orações anteriores. A segunda instância da conjunção tem como função focar e enfatizar o grupo verbal *viver uma vida normal*. O terceiro exemplo promove uma comparação entre o argumento *observar a falta de vestígios de despedida* e o conteúdo das orações anteriores, que implicam em uma observação destes vestígios. O quarto exemplo de *mas* introduz a justificativa da proposição *fazer-se de desentendido*. Finalmente, a marca coesiva do último exemplo adiciona uma proposição ao mesmo tempo que promove um contraste entre a nova oração introduzida (não imaginar o roubo de um violino) e a oração anterior (saber do roubo de vários itens).

Assim, pode-se estabelecer o seguinte padrão de ocorrência de *but* e *mas* textual nos três *corpora*: das 18 categorias, 9 ocorreram no *corpus* paralelo, sendo que destas, 4 foram pouco frequentes. No *corpus* PO, 6 das 18 categorias estiveram presentes, sendo baixa a ocorrência de 3 delas. Vale destacar que as categorias *adição/desenvolvimento-aditivo* e *consequência/contraposição-inesperado* figuraram como as mais frequentes nos três *corpora* e que a categoria *consequência/conclusão-concluir* compreendeu a segunda categoria mais frequente apenas no *corpus* paralelo, não ocorrendo no *corpus* PO.

Expostas as ocorrências das categorias textuais para *but* e *mas* nos três *corpora*, passo a seguir à análise das categorias interpessoais para estas conjunções.

3.7 *But e mas interno interpessoal*

A ocorrência das categorias das conjunções interpessoais propostas por Thompson (2005) que se aplicaram às conjunções *but* e *mas* nos três *corpora* é apresentada na seguinte tabela:

TABELA 8

Ocorrência de BUT e MAS interpessoal por categoria nos três *corpora*

Categoria	Corpus		
	BUT no EO	MAS no PT	MAS no PO
<CCIICDNC> (comparação/diferente: negação-contraposição)	8	8	4
<CCIICCSA>(consequência/conclusão: situação-avaliação)	1	1	1
<CCIICCCA>(consequência/contraposição: concessão-asserção)	29	32	30
<CCIICCC>(consequência/condição-conclusão)	1	1	1
Total	39	42	36

Conforme apontam os dados, 4 das 8 categorias interpessoais para as conjunções sugeridas por Thompson (2005) se aplicaram à *but* e *mas* nos *corpora* EO, PT e PO, cujas porcentagens estão apresentadas nos seguintes gráficos:

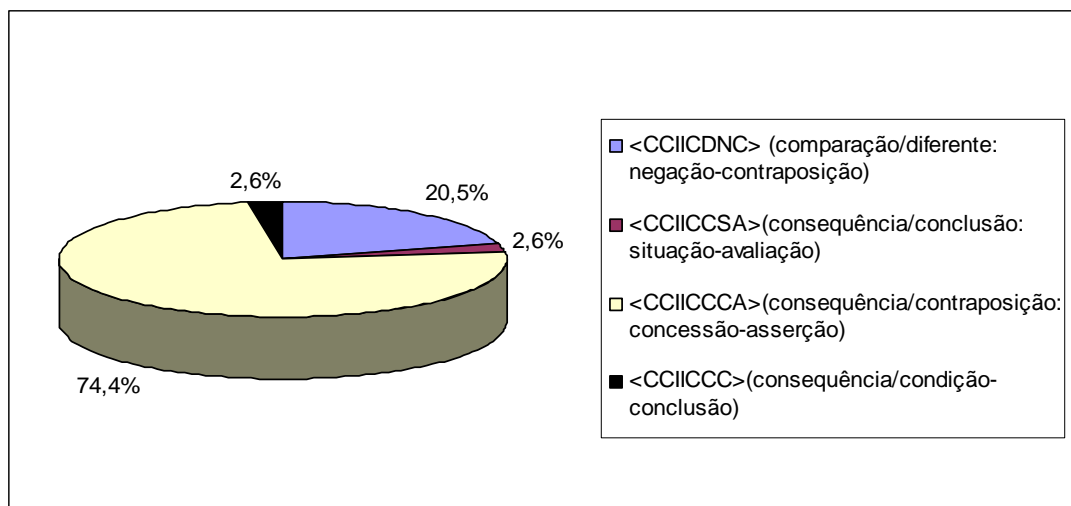


Gráfico 9 – Ocorrência de BUT interpessoal no *corpus* EO por categoria

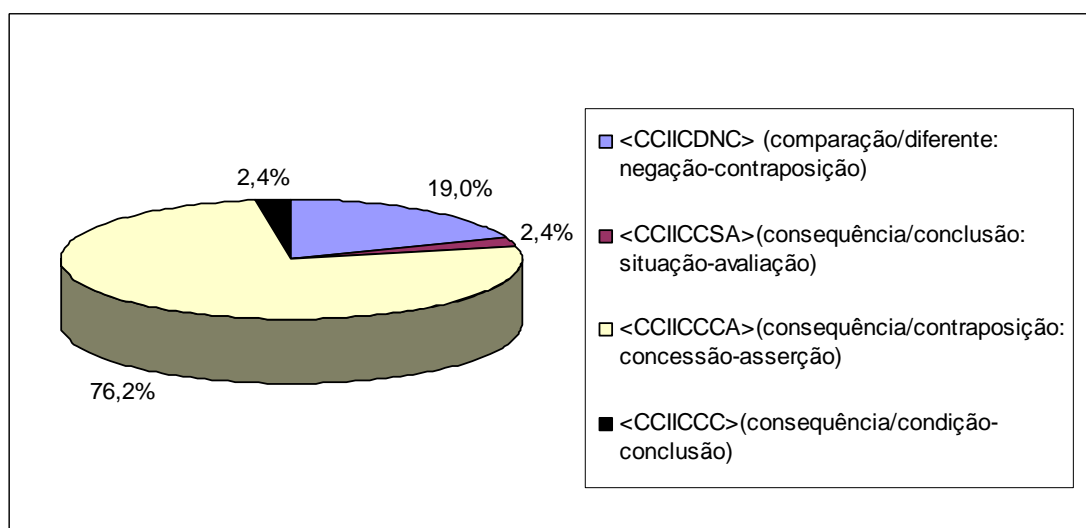


Gráfico 10 – Ocorrência de BUT interpessoal no *corpus* PT por categoria

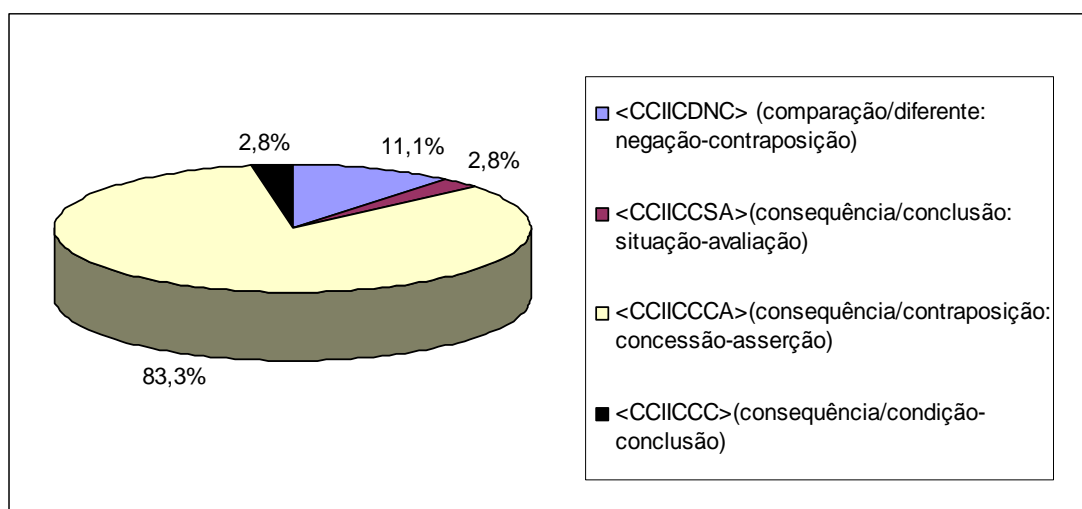


Gráfico 11 – Ocorrência de MAS interpessoal no *corpus* PO por categoria

Observa-se que, ao contrário das categorias textuais, todas as categorias interpessoais que se aplicaram à *but* e *mas* ocorrem nos três *corpora* e com frequência aproximada nos *corpora* EO e PT. Este fato possivelmente sugere que, diferentemente da organização textual, há um padrão de negociação de ideias entre personagens através destas conjunções em textos ficcionais em inglês original e português brasileiro traduzido e original. Segundo este padrão, estas conjunções principalmente veiculam uma aceitação parcial a um argumento pelo falante, que o contrapõe com outro argumento (conforme ocorrência expressiva da categoria *consequência/contraposição: concessão-asserção* nos três *corpora*).

Apresento a seguir um exemplo de cada categoria interpessoal no *corpus* paralelo:

comparação/diferente: negação-contraposição

HAP – “I know, I know - it's not quite as good as winning Witch Weekly's Most-Charming-Smile Award five times in a row, as I have – **but** <CCIICDNC> it's a start, Harry, it's a start.”

HPC - -- Eu sei, eu sei, não é tão bom quanto ganhar o Prêmio do Sorriso mais Atraente do Seminário dos Bruxos cinco vezes seguidas, como eu, **mas** <CCIICDNC> é um começo, Harry, é um começo.

consequência/conclusão: situação-avaliação

BLA - Sometimes I poke around in the debris of the back garden, clearing away dry stalks and fallen leaves, **but** <CCII~~C~~SA> that's about as far as I go.

ASS - Às vezes eu remexo o entulho do quintal, tirando galhos secos e folhas caídas, **mas** <CCII~~C~~SA> não passo disso.

consequência/contraposição: concessão-asserção

KIR - "The general accepted."

I let out a burst of air.

Sat down.

My hands were shaking.

"He did?"

"Yes, **but** <CCII~~C~~CA> Soraya *jan* [*sic*] is upstairs in her room.

CAP - -- O general concordou.

Soltei uma baforada de ar.

Sentei.

Minhas mãos estavam tremendo.

-- Concordou?

-- É, **mas** <CCII~~C~~CA> Soraya *jan* [*sic*] está lá em cima, no quarto.

consequência/condição-conclusão

BNN - I am not liking this at all at all and I am wanting to be throwing gun away into the bush, **but** <CCII~~C~~CC> if I am throwing gun away, then Rambo will be throwing me away because gun is more important than me.

FLN - Não gosto nem um pouco disso e quero jogar a arma no mato, **mas** <CCII~~C~~CC> se jogar a arma fora, aí Rambo vai me jogar fora porque a arma é mais importante do que eu.

Nota-se que no primeiro exemplo as conjunções *but* e *mas* veiculam uma ênfase na refutação de uma expectativa que o falante antecipa em relação ao seu interlocutor (ainda que este falante a contraponha logo em seguida). No segundo exemplo, as conjunções apenas conectam uma situação contida na oração anterior e o resumo desta situação. As terceiras instâncias relacionam uma aceitação parcial de uma proposição por parte do falante (concordância do general) e uma contraposição este argumento (as implicações do fato de um personagem se encontrar em um quarto). Por fim, no último exemplo, as conjunções *but* e *mas* relacionam um desejo e condição (querer jogar uma arma fora) a uma conclusão desta condição (um personagem jogar outro fora).

No que tange ao *corpus* PO, as categorias interpessoais estão a seguir exemplificadas:

comparação/diferente: negação-contraposição

ONM - Uma vez isso bem claro, não custava esperar um pouco. Talvez a moça no balcão estivesse certa, e aquele homem pudesse abrir as portas de um mundo que não conhecia, **mas** <CCIICNC> com o qual sempre sonhara: afinal de contas, não tinha pensado em seguir a carreira de modelo?

consequência/conclusão: situação-avaliação

SIC - Bia é uma pessoa maravilhosa, Ricardo nunca esteve à sua altura. E, percebendo que fora enfático, acrescentou:
--Não se surpreenda por eu dizer isso de um amigo, inspetor, sobretudo de um amigo brutalmente morto, **mas** <CCIICSA> é a pura verdade.

consequência/contraposição: concessão-asserção

OAD - Ela é mulher, **mas** <CCIICCA> merece.

consequência/condição-conclusão

OAD - Castilhos pediu uma crítica. **Mas** <CCIICCC> disse que só publica se eu falar bem.

No primeiro exemplo, *mas* conecta uma expectativa na negativa (não conhecer um mundo) e uma contraposição (com caráter alternativo) desta negativa (sonhar com este mundo). O segundo exemplo de *mas* possui a função de resumir uma proposição (ser verdade o fato de Ricardo não estar à altura de Bia). O terceiro exemplo marca a aceitação do merecimento de um indivíduo do sexo feminino apesar de uma asserção culturalmente concebida sobre o *status* da mulher. Já no último exemplo, *mas* apenas conecta o pedido e publicação de uma crítica com a condição desta ser favorável.

Assim, estabeleceu-se o seguinte padrão de ocorrência de *but* e *mas* interpessoal nos três *corpora*: das 8 categorias, 4 ocorreram no *corpus* como um todo, sendo que destas, 2 foram pouco frequentes. As categorias *consequência/contraposição*: *concessão-asserção* e *comparação/diferente: negação-contraposição* se mostraram as mais frequentes nos três *corpora*, sendo que esta última ocorreu em menor proporção no *corpus* PO.

A partir da análise exposta nas seções acima, pode-se entrever que tanto *but* quanto *mas* em textos ficcionais possuem copioso potencial de contribuir para o fluxo do que é dito ou escrito - conforme algumas das categorias para as conjunções textuais propostas por Martin e Rose (2003) - e de servir como instrumento de negociação de argumentos entre interlocutores, segundo algumas das categorias para as conjunções interpessoais delineadas por Thompson (2005).

Os exemplos também atestam que estas conjunções geralmente possuíram um aspecto textual quando presentes em narrações (próprias da linguagem escrita) e uma natureza interpessoal mais evidente em diálogos (característicos da linguagem oral).

Considerando-se estas assertivas, teço assim as conclusões desta pesquisa no próximo capítulo.

CAPÍTULO 4

CONCLUSÕES

4 CONCLUSÕES

Este estudo, fundamentado na teoria sistêmico-funcional da linguagem, explorou o potencial da conjunção *but* em inglês e da conjunção *mas* em português na realização de três tipos de conexões conjuntivas. O trabalho confirmou que, embora estas conjunções realizem intrinsecamente uma construção de sentido adversativo entre os elementos por elas conectadas, outros tipos de significados podem ser realizados.

Conforme mencionado, na literatura sobre relações coesivas em inglês e português, no seu potencial adversativo/concessivo (classificado como potencial ideacional neste trabalho), estas conjunções são frequentemente descritas como sendo capazes de conectar eventos em relação direta de oposição. No seu potencial textual, apenas a literatura sobre a língua inglesa aponta a conjunção *but* como conjunção passível de contribuir para o concatenamento de ideias em um texto. Já no seu potencial interpessoal, esta conjunção é também descrita somente no inglês como marca conjuntiva capaz de evidenciar a interação entre falante/autor e ouvinte/leitor.

Como indica a análise de dados, estes três aspectos metafuncionais puderam ser observadas tanto nas ocorrências da conjunção *but* no *corpus* em inglês original quanto nas ocorrências de *mas* no *corpus* em português brasileiro traduzido e original.

Vale lembrar que o significado adversativo em *but* e *mas*, mesmo que reduzido em virtude das construções textuais e interpessoais, ainda se fez presente e se integrou às construções de significados de natureza interna, conforme aponta Halliday e Hasan (1976, p. 240).

A literatura revisada apresentou 18 categorias para a classificação da metafunção textual no que concerne às conjunções em geral. Entretanto, a análise do *corpus* paralelo aponta que estas categorias não foram igualmente produtivas para *but* e *mas*, sendo que

9 delas não ocorreram para estas conjunções neste *corpus*. Destas, as categorias mais produtivas (tanto para os textos originalmente escritos em inglês quanto para as traduções ao português brasileiro) foram as de *adição/desenvolvimento-aditivo*, de *consequência/conclusão-concluir* e de *consequência/contraposição-inesperado*.

Nos textos originalmente escritos em português brasileiro, características semânticas textuais similares aos do *corpus* paralelo se mostraram presentes, com exceção da relação de *consequência/conclusão-concluir*, que não ocorreu sequer uma vez nestes textos. Conforme mencionado no capítulo anterior, este dado pode sugerir ser baixa a frequência com que textos ficcionais nesta língua estabeleçam este tipo de construção.

De acordo com a análise de dados, o caráter textual tanto de *but* no EO quanto de *mas* no PT e no PO esteve mais saliente em passagens narrativas, sugerindo ser esta natureza metafuncional destas conjunções mais recorrente na linguagem escrita.

No que concerne às variedades interpessoais, 4 das 8 categorias apresentadas por Thompson (2005) para as conjunções corresponderam às ocorrências de *but* e *mas* no *corpus* paralelo. Como apontam os dados, estas conjunções principalmente construíram significado de negação (e posterior contraposição) de expectativas e de reconhecimento (e posterior contraposição) de proposições tanto nos textos em inglês quanto nos textos traduzidos ao português brasileiro. Em menores proporções, estas conjunções ainda tiveram como função resumir e concluir argumentos de forma condicional nos textos em inglês original e, da mesma forma, nos textos em português brasileiro traduzido.

Nos textos originais em português brasileiro, um padrão semântico interpessoal similar se fez presente no tocante a conjunção *mas* e, assim como no *corpus* paralelo, ocorreu em proporções quantitativas próximas.

Como atestado pelos dados, o aspecto interpessoal tanto de *but* no EO quanto de *mas* no PT e PO mostrou-se proeminente em excertos contendo diálogos, o que sugere ser este viés metafuncional mais patente na oralidade.

Cabe ressaltar que, no *corpus* paralelo, ainda que o foco não tenha sido o de analisar relações de tradução, os dados apontaram que a grande maioria das conjunções *but* no inglês foram traduzidas por *mas* no português brasileiro, sendo que as construções de significado (tanto textual quanto interpessoal) por esta conjunção nos textos traduzidos corresponderam à construções equivalentes de *but* nos textos originais. Entretanto, como também indica a análise de dados, houve ainda construções de significado estabelecidas pela conjunção *mas* nos textos traduzidos sem qualquer realização léxico-gramatical correspondente nos textos originais, o que permitiu compreender o potencial desta conjunção – em textos ficcionais - em relacionar orações e elementos textuais tanto por uma perspectiva externa quanto interna.

Adotando-se uma abordagem interlinguística - análise entre originais e traduções - torna-se assim possível descrever a conjunção *mas* em português brasileiro também como marca coesiva de cunho textual e interpessoal. Pode-se confirmar o potencial deste tipo de estudo para examinar diferentes realizações léxico-gramaticais de significados, uma vez que algumas realizações léxico-gramaticais nos textos alvo permitiram identificar construções de significado por vezes não realizadas lexicogramaticalmente nos textos fonte.

No tocante à abordagem comparada, a análise permitiu levantar diferenças e similaridades entre a conjunção *mas* no *corpus* traduzido e *mas* no *corpus* não-traduzido, servindo este tipo de escrutínio de base para análises mais aprofundadas sobre as características do texto traduzido e suas relações com os padrões dos originais.

Uma vez que os significados textuais e interpessoais construídos pela conjunção *mas* nos textos traduzidos foram similares aos de *but* nos textos originais, esta marca

coesiva parece ser, no português brasileiro, bastante profícua como escolha do tradutor para uma construção de sentido interno em textos ficcionais traduzidos para esta língua.

Considerando-se que Martin e Rose (2003) e Thompson (2005) não fornecem instâncias suficientes da conjunção *but* como marca coesiva interna textual e interpessoal correspondentes às 26 categorias por eles propostas e que nenhum estudo anterior utilizou como arcabouço teórico tais categorias para analisar a conjunção *mas* no português brasileiro, há ainda investigações a serem realizadas como complementação a esta pesquisa no que tange à uma sólida classificação destas marcas coesivas.

Ainda que os dados tenham apontado considerável produtividade para as três grandes divisões metafuncionais (ideacional, textual e interpessoal) no que tange à classificação destas conjunções, as categorias com maior grau de delicadeza propostas por estes autores são passíveis de críticas, uma vez que, considerando-se um contínuo entre uma categoria e outra, estas não abarcam todos os fenômenos linguísticos do sistema de CONJUNÇÃO, sendo que outros estudos podem revelar uma possível hibridez entre elas.

Deste modo, os números apresentados na análise de dados poderiam ser revistos em pesquisas futuras quando de um maior avanço no estabelecimento de critérios mais consolidados para uma categorização de ordem textual e interpessoal no que concerne *but* e *mas*.

Por fim, quanto às limitações deste estudo e perspectivas para pesquisas futuras, destacam-se o escrutínio destas conjunções em um *corpus* composto por textos de outros registros do *Corpus Brasileiro de Língua Portuguesa* (KLAPT!) (do qual esta dissertação faz parte) para a averiguação da existência de outros possíveis significados construídos por *but* e *mas*, a aplicação de testes estatísticos para uma apreciação mais ampla dos dados quantitativos e, ainda, a análise de outras conjunções prototipicamente

adversativas/concessivas em inglês e em português brasileiro (como, por exemplo, *however* e *nevertheless* vs. *entretanto* e *contudo*) e o seu potencial em estabelecer relações textuais e interpessoais conforme as categorias delineadas por Martin e Rose (2003) e Thompson (2005).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Daniel A. S. *Aspectos da representação do discurso em textos traduzidos: os verbos de elocução neutros*. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística Aplicada). Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG/PosLin, 2006.

ARAÚJO, Cristiano G. *O sistema semântico de PROJEÇÃO e sua dispersão gramatical em português brasileiro: uma descrição sistêmico-funcional orientada para os estudos linguísticos da tradução*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG/PosLin, 2007.

ASSIS, Roberto Carlos de. *A transitividade na representação de Sethe no corpus paralelo Beloved-Amada*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004.

BAKER, M. *Corpus linguistics and translation studies: implications and applications*. In: BAKER et al. (eds.). *Text and technology: In honour of John Sinclair*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1993: 233-250.

BAKER, M. *Corpora in translation studies: an overview and some suggestions for future research*. *Target*, Amsterdam, v. 7, n. 2, 1995: 223-243.

BAKER, Mona. *Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead*. In: SOMERS, H. (Ed.). *Terminology, LSP and translation: studies in language engineering in honour of Juan C. Sager*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1996: 177-186.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BERBER SARDINHA, Tony. *Linguística de corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.

BIBER, D. M. *Methodological issues regarding corpus-based analyses of linguistic variation*. In *Literary and Linguistic Computing*, Oxford: Oxford University Press, v.5, n.4, 1990: 257-269

BIBER, D. M. *Representativeness in corpus design*. In *Literary and Linguistic Computing*, Oxford: Oxford University Press, v.8, n.4, 1993: 243-257

BUENO, Letícia Taitson. *Transitividade, coesão e criatividade lexical em Macunaíma, de Andrade, e Macunaíma, de Goodland*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

CAFFAREL, A.; MARTIN, J.R.; MATTHIESSEN, Christian M.I.M; *Introduction: Systemic functional typology*. In: CAFFAREL, A.; MARTIN, J.R.; MATTHIESSEN, MATTHIESSEN, Christian M.I.M (Eds.) *Language Typology: a functional perspective*. Amsterdam: John Benjamins, 2004.

CANÇADO, Tassiani. *Transitividade e representação do discurso no corpus paralelo Interview with the Vampire/Entrevista com o Vampiro*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

CATFORD, John Cunnison. *A linguistic theory of translation*. London: Oxford University Press, 1965.

CHAVES, Charleston de Carvalho. *O valor das conjunções e suas aplicabilidades no discurso*. Dissertação (Mestrado em Letras). Rio de Janeiro: Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008.

CRUZ, Osilene Maria de Sá e Silva da. *“Harry Potter and the chamber of secrets” e sua tradução para o português do Brasil: uma análise dos verbos de elocução com base na linguística sistêmica e nos estudos de corpora*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/PosLin, 2003.

EGGINS, Suzanne. *An introduction to systemic functional linguistics*. London & New York: Continuum, 1994.

FIGUEREDO, Giacomio P. *Uma descrição sistêmico-funcional da estrutura do grupo nominal em português orientada para os estudos linguísticos da tradução*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG/PosLin, 2007.

HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. 2nd ed. London: Arnold, 1994.

HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. Essex: Longman Group UK Limited, 1976.

HALLIDAY, M.A.K. & HASAN, R. *Language, Context and Text: Aspects of Language in a Social-Semiotic Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M.A.K. e MATTHIESSEN, Christian M.I.M. *Construing experience through meaning: a language-based approach to cognition*. London: Continuum, 1999.

HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, Christian M.I.M.;. *An introduction to functional grammar*. Third Edition. London: Arnold, 2004.

HOLMES, J.S. The Name and Nature of Translation Studies. (1972/1994). Cap. 13 em Venuti, L. *The Translation Studies Reader*. London & New York: Routledge 2000: 172-185.

HUNSTON, Susan. Methods in *corpus* linguistics: interpreting concordance lines. In: *Corpora in applied linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002: 38-95.

JESUS, Silvana Maria de. *Representação do discurso e tradução: padrões de textualização em corpora paralelo e comparável*. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística Aplicada). Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG/PosLin, 2004.

JESUS, Silvana Maria de. *Relações de tradução: SAY/DIZER em corpora de textos ficcionais*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG/PosLin, 2008.

JESUS, Silvana Maria de. *The design of KLAPT!*, 2009. (no prelo)

KAMENICKÁ, R. *Explicitation and Translator's Style*. (Tese) Doutorado em Tradutologia. Praga: Faculdade de filosofia da Univerzita Karlova v Praze, 2007.

KENNY, D. *Lexis and creativity in translation: a corpus-based study*. Manchester, UK & Northampton MA: St Jerome Publishing, 2001: 22-72.

LOCK, Graham. *Functional English Grammar. An introduction for second language teachers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

MARTIN, J.R. CONJUNCTION: The logic of English text. Em PETÖFI, J.S.; SÖZER, E. (Eds.) *Micro and Macro Connexity of Texts*, 1-72. Hamburg: Helmut Buske Verlag (*Papers in Textlinguistics* 45), 1983b.

MARTIN, J.R.; English Text: system and structure. Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins, 1992.

MARTIN, J.R; MATTHIESSEN, Christian M.I.M; PAINTER, C.; *Working with functional grammar*. London: Arnold, 1997.

MARTIN, J.R; ROSE, D. *Working with Discourse*. London: Continuum, 2003.

MATTHIESSEN, Chirstian M.I.M; The environments of translation. Em STEINER, E.; YALLOP, C; (Eds.) *Exploring translation and multilingual text production: beyond content*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2001.

MAURI, Cristiana. *Um estudo da tradução italiana de "Laços de Família", de Clarice Lispector, a partir da abordagem em corpora: a construção da introspecção feminina através dos verbos de elocução*. (Dissertação) Mestrado em Estudos Linguísticos. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/PosLin, 2003.

McKENERY, T.; WILSON, A. *Corpus Linguistics*. Edinburgh: Endinburgh UP, 2001.

MENDES, Izabella dos Santos Martins. *Um caso de polícia : a representação dos discursos no noticiário policial de dois jornais impressos brasileiros, abordada à luz da Linguística de Corpus e da Análise Crítica do Discurso*. (Dissertação) Mestrado em Estudos Linguísticos. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/PosLin, 2003.

MOTA-ROTH, D.; LOVATO, C.S. Análise dos marcadores de relação lógica no gênero notícia de popularização científica pela perspectiva da gramática sistêmico funcional. Em *Revista de Letras* 10. DACEX/UTFPR, 2008.

NEVES, M.H.M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2000.

NEUMANN, Stella. *Corpus design*. In *Linguistic properties of translations: a corpus-based investigation for the language pair English-German*. Deliverable no.1 DFG project STE 840/5-1, 2005.

NUNES, Leonardo P. *Discourse representation and translation: probing the system of PROJECTION in original and translated science popularisation articles*. Monografia (bacharelado em inglês). Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2007.

OLIVEIRA, Janaina Minelli de. *As vozes da ciência: a representação do discurso nos gêneros artigo acadêmico e de divulgação científica*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG/PosLin, 2005.

OLOHAN, Maeve. *Introducing corpora in Translation Studies*. London: Routledge, 2004.

ROCHA, A.P.A. Relações de sentido entre os diversos usos de MAS: a formação de uma rede polissêmica motivada metaforicamente. Em *Revista Estudos Linguísticos/Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo*. Volume 37, n.1, 121-130. 2008.

RODRIGUES, Roberta Rego. *A organização temática em A hora da estrela and The hour of the star: um estudo de caso*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

SAMPSON, Geoffrey. *English for the computer. The Susanne corpus and analytic scheme*. Oxford: Clarendon Press, 1995.

SOARES, João Paulo. *Estudo Sistêmico-Funcional da estrutura Lógica de Artigos de Revista em Inglês*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). São Paulo: LAEL – PUCSP, 2008.

THOMPSON, Geoff. *Introducing functional grammar*. London: Arnold, 1996.

THOMPSON, Geoff. But me some buts: a multidimensional view of conjunction. In *Citation Information*. Volume 25, Issue 6, 2005: 763–791.

TYMOCZKO, Maria. Computerized *corpora* and the future of translation studies. *Meta*, XLIII, 4, 1998: 652-659.

VASCONCELLOS, M.L. *Retextualizing “Dubliners”*: a systemic functional approach to translation quality assessment. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Faculdade de Letras, UFSC, Florianópolis, 1997a.

VASCONCELLOS, M.L., PAGANO, Adriana. Explorando interfaces: Estudos da Tradução, linguística sistêmico-funcional e linguística de *corpus*. In: ALVES, Fabio, MAGALHÃES, Célia, e PAGANO, Adriana (Eds.). *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005: 177-207. (Humanitas)

VINAY, J.P ; DARBELNET, J. *Comparative Stylistics of French and English. A methodology for translation*. Amsterdam – Philadelphia: John Benjamins, 1995.

CORPORA ANALISADOS

ABREU, Caio Fernando. *Onde Andará Dulce Veiga?* Rio de Janeiro: Agir, 2007: 177-190

ATWOOD, Margaret Eleanor. *The Blind Assassin*. New York: Anchor Books, 2000: 37-45.

ATWOOD, Margaret Eleanor. *O Assassino Cego*. Tradução de Léa Viveiros de Castro. Rio de Janeiro, Rocco, 2001:45-52 (Tradução de: *The Blind Assassin*)

BROWN, Dan. *The Da Vinci Code*. Nova Iorque: Anchor Books, 2009: 165-176

BROWN, Dan. *O Código da Vinci*. Tradução de Celina Cavalcanti Falck-Cook. Rio de Janeiro: Sextante, 2004: 161-172 (Tradução de: *The Da Vinci Code*)

BUARQUE, Chico. *Budapeste*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003: 82-93

CARVALHO, Bernardo de. *Nove Noites*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002: 92-101

COELHO, Paulo. *Onze Minutos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003: 87-99

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005: 88-102

FIELDING, Helen. *Bridget Jones Diary: a novel*. London: Picador, 2001: 29-44

FIELDING, Helen. *O Diário de Bridget Jones*. Tradução de Beatriz Horta. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008: 35-51 (Tradução de: *Bridget Jones Diary: a novel*)

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *O Silêncio da Chuva*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996: 14-24

GARLAND, Alex. *The Beach*. London: Penguin Books, 1997: 37-47

GARLAND, Alex. *A Praia*. Tradução de Paulo Reis. Rio de Janeiro: Rocco, 1999: 49-59 (Tradução de: *The Beach*)

HATOUM, Milton. *Dois Irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000: 118-129

HOSSEINI, Khaled. *The Kite Runner*. New York: Riverhead books, 2005: 161-172

HOSSEINI, Khaled. *O Caçador de Pipas*. Tradução de Maria Helena Rouanet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005: 164-175 (Tradução de: *The Kite Runner*)

IWEALA, Uzodinma. *Beasts of No Nation: a novel*. New York: Harper Collins Publishers, 2005: 126-135

IWEALA, Uzodinma. *Feras de Lugar Nenhum*. Tradução de Christina Baum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006: 168-180 (Tradução de: *Beasts of No Nation: a novel*)

McEWAN, Ian. *Atonement: a novel*. New York : Anchor Books, 2003: 193-204

McEWAN, Ian. *Reparação*. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2008: 183-194 (Tradução de: *Atonement: a novel*)

MELO, Patrícia. *Elogio da Mentira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002: 72-83

ROWLING, J.K. *Harry Potter and the Chamber of Secrets*. New York: Scholastic Inc, 1999: 87-97

ROWLING, J.K. *Harry Potter e a Câmara Secreta*. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000: 78-88 (Tradução de: *Harry Potter and the Chamber of Secrets*)

RUSHDIE, Salman. *Haroun and the Sea of Stories*. New York: Granta Books & Penguin Books, 1991: 63-73

RUSHDIE, Salman. *Haroun e o Mar de Histórias*. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Editora Paulicéia, 1991: 55-64 (Tradução de: *Haroun and the Sea of Stories*)

SMITH, Alexander McCall. *Tears of the Giraffe*. New York: Anchor Books, 2002: 63-72

SMITH, Alexander McCall. *Lágrimas da Girafa*. Trad. Carlos Sussekind. São Paulo: Cia das Letras, 2003: 67-77 (Tradução de: *Tears of the Giraffe*)

SOARES, Jô. *O Xangô de Bakerstreet*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995: 145-158

VERÍSSIMO, Luiz Fernando. *O Clube dos Anjos*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1998: 46-57

PÁGINAS WEB

AMOSTRA. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Amostra>>. Acesso em: 21 jan 2010.